

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**O CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA COMUNIDADE SANTA  
LUZIA: UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA CONSTRUÍDO ATRAVÉS DO CUIDADO  
COM AS INFÂNCIAS**

ANA PAULA DE ANDRADE NUNES

Brasília – DF  
2017

Ana Paula de Andrade Nunes

**O CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA COMUNIDADE SANTA  
LUZIA: UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA CONSTRUÍDO ATRAVÉS DO CUIDADO  
COM AS INFÂNCIAS**

Trabalho de final de curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Licenciatura em Pedagogia, à  
Comissão examinadora da Faculdade de  
Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Dra. Fátima Lucília Vidal  
Rodrigues

Brasília – DF

2017

NUNES, Ana Paula de Andrade.

O Centro de Desenvolvimento da Criança na Comunidade Santa Luzia: Um espaço de resistência construído através do cuidado com as infâncias. Ana Paula de Andrade Nunes. Brasília: UnB. 2017.p. 70.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2017. Ana Paula de Andrade Nunes

**O CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA COMUNIDADE SANTA  
LUZIA: UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA CONSTRUÍDO ATRAVÉS DO CUIDADO  
COM AS INFÂNCIAS**

Trabalho de final de curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Licenciada em Pedagogia, à  
Comissão examinadora da Faculdade de  
Educação da Universidade de Brasília.

Defendida e aprovada em 03 de Julho de 2017.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Lucília Vidal Rodrigues  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Alexandra Militão Rodrigues  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sonia Marise Salles de Carvalho  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Pai Celestial, pela oportunidade da vida, com todas as alegrias e aprendizado. A minha mãe, Regina, e a meus irmãos, Wesley e Daniel por todo o cuidado e paciência.

Aos queridos amigos e amigas que estiveram ao meu lado e vivenciaram comigo processos de construção pessoal e formativa, e pelos bons momentos de alegria e aprendizado.

À Santa Luzia, a Casa de Paternidade e ao Centro de Desenvolvimento da Criança por me proporcionarem experiências tão especiais de construção coletiva e me acolherem tão bem e me inspirarem a ser um ser humano melhor.

À minha orientadora Fátima Lucília Vidal Rodrigues por me inspirar, acolher e dar suporte durante a construção desse trabalho.

À Universidade de Brasília, por me possibilitar uma nova visão de mundo por meio da diversidade e dos mestres que me inspiraram a ser uma profissional que defende e trabalha por uma sociedade mais justa e humana.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>PARTE 1 – MEMORIAL EDUCATIVO.....</b>	<b>12</b>
<b>PARTE 2 - MONOGRAFIA. ....</b>	<b>20</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A COMUNIDADE SANTA LUZIA .....</b>	<b>23</b>
1.1 O que é a Santa Luzia? .....	23
1.2 Uma comunidade invisível aos olhos dos governantes.....	24
1.3 Os diferentes grupos dentro da Santa Luzia: Um olhar para o futuro .....	25
1.4 A Casa de Paternidade e o Centro de Desenvolvimento da Criança (CDC): Campos de observação e aprendizado.....	27
<b>CAPÍTULO 2 - DISPOSITIVOS LEGAIS, PEDAGOGIA SOCIAL E CUIDADO COM A INFÂNCIA.....</b>	<b>31</b>
2.1 O Cuidado com a Infância .....	31
2.1.1 A Infância no Brasil - Legislação .....	33
2.2 O que é Educação Social?.....	38
2.3 Educação não formal e Educação Social dentro da comunidade Santa Luzia	41
<b>CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA.....</b>	<b>43</b>
3.1 Pesquisa Qualitativa .....	43
3.2 Procedimento de pesquisa.....	43
3.3 Observação Participante .....	44
3.4 Diário de Campo .....	44
3.5 Entrevista semiestruturada .....	45
3.6 Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	45
<b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO.....</b>	<b>48</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>PARTE 3 – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>59</b>

*“Ninguém liberta ninguém, ninguém,  
ninguém se liberta sozinho: os  
homens se libertam em comunhão.”*

*Paulo Freire*

## RESUMO

O presente trabalho foi construído por meio de reflexões, observações participativas e registros durante dois semestres no Centro de Desenvolvimento da Criança na Comunidade Santa Luzia, no Distrito Federal. O objetivo é investigar como essa comunidade constrói a cada dia um espaço de resistência dentro de uma realidade marcada pela violência e abandono, através do cuidado com as infâncias. Para tal, faço uma apresentação da comunidade Santa Luzia e dos grupos que lá atuam, destacando a Casa de Paternidade e o Centro de Desenvolvimento da Criança, que possibilitaram a construção desse trabalho. Traço também um breve histórico do cuidado com a infância no mundo e no Brasil e a importância da educação social e das mães educadoras nesse contexto, à luz das teorias alicerçadas em Paulo Freire (2002) atreladas às visões de outros autores sobre o tema. A pesquisa estruturou-se a partir da convivência com as mães, educadores, educadoras e crianças da comunidade a partir do Centro de Desenvolvimento da Criança. O trabalho segue uma abordagem qualitativa, trazendo relatos de um diário de campo, desenvolvido durante a prática, além de entrevistas realizadas com quatro educadores da comunidade, que dialogam com o aporte teórico. Ao fim da pesquisa constata-se que o cuidado com as infâncias é fundamental para transformar a realidade de um local, seja a curto, médio ou longo prazo. A comunidade Santa Luzia constrói espaços de resistência a cada dia por meio do diálogo, incentivo as mães, educadoras e educadores, parcerias e principalmente por meio do acolhimento e cuidado ofertado às infâncias.

**Palavras chave:** Educação Social, Infância, Mães Educadoras, Resistência.



## **ABSTRACT**

The present work was constructed through reflections, participatory observations and records during two semesters at the Child Development Center in the Santa Luzia Community, in the Federal District. The goal is to investigate how this community builds each day a space of resistance within a reality marked by violence and abandonment, through the care of children. To this end, I will present the Santa Luzia community and the groups that work there, highlighting the Casa de Paternidade and the Child Development Center, which enabled the construction of this work. I also trace a brief history of caring for children in the world and in Brazil and the importance of social education and educating mothers in this context, in light of the theories based on Paulo Freire, linked to the views of other authors on the subject. The research was structured from the coexistence with the mothers, educators and children of the community from the Child Development Center. The work follows a qualitative approach, bringing reports of a field diary, developed during the practice, in addition to interviews with four community educators, who dialogue with the theoretical contribution. At the end of the research it is verified that the care with the infancy is fundamental to transform the reality of a place, be it short, medium or long term. The Santa Luzia community builds spaces of resistance every day through dialogue, encourages mothers, educators and educators, partnerships and especially through the reception and care offered to children.

**Key words:** Social Education, Childhood, Mothers Educators, Resistance.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>CDC</b>	<b>CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA</b>
<b>LDBEN</b>	<b>LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL</b>
<b>ONG</b>	<b>ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL</b>
<b>OSC</b>	<b>ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL</b>
<b>PAS</b>	<b>PROGRAMA DE AVALIAÇÃO SERIADA</b>
<b>UNB</b>	<b>UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA</b>
<b>UNESCO</b>	<b>ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA</b>

## APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso encerra o processo de formação inicial no curso de Pedagogia. Seguindo as orientações da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, o mesmo encontra-se dividido e organizado em três partes: memorial, monografia e perspectivas profissionais.

No memorial faço um breve relato sobre minha história pessoal e acadêmica: Minha trajetória, experiências e vivências que me permitiram chegar a esse momento.

A monografia abrange quatro capítulos. O primeiro refere-se à Comunidade Santa Luzia, campo de observação que deu origem ao presente trabalho. Sua história, os grupos que lá atuam como agentes de transformação e destaca a importância da Casa de Paternidade e do Centro de Desenvolvimento da Criança dentro dessa comunidade. O segundo capítulo trata-se da fundamentação teórica que permitiu a reflexão e construção desse trabalho, aliada às observações e experiências vividas junto à Casa de Paternidade e ao Centro de Desenvolvimento da Criança. O terceiro capítulo trata da metodologia, e nele é explicado sobre a abordagem qualitativa, procedimentos de pesquisa, observação participante e diário de campo. Por fim, o quarto capítulo abarca as análises e discussões, baseadas em cenas descritas vividas no CDC, discussões do Projeto Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras (Autonomia), relacionadas ao referencial teórico apresentado.

Na terceira parte do Trabalho de Conclusão de Curso apresento minhas expectativas profissionais, nas quais demonstro meu desejo de continuar no campo da educação.

## PARTE 1

### MEMORIAL EDUCATIVO

Nasci em Brazlândia, cidade do Distrito Federal, em 1992. Três anos antes minha mãe, antes operadora de caixa de supermercado, foi nomeada como auxiliar de limpeza pela Secretaria de Educação. Como minha mãe trabalhava durante todo o dia, meu pai e meu irmão, nessa época com treze anos de idade, se revezavam em meus cuidados.

Com três anos de idade minha mãe me matriculou em uma creche da rede privada, mas não me adaptei, então comecei a acompanhá-la em seu trabalho. Minha mãe trabalhava no Jardim de Infância, na época escola referência em Educação Infantil em Brazlândia.

A escola funcionava na antiga casa do prefeito da cidade, o que tornava a estrutura dela – com adaptações para atender às crianças - um verdadeiro lugar de diversão para mim. O espaço na escola era grande e organizado, e contava com uma piscina, uma casa de bonecas cheia de livros, um parque com balanços que na minha mente de criança iam tão alto que me permitiam ver a rua em frente à escola, além de dois pátios, um com várias mangueiras – que nos davam sombra e muitas mangas na época dessa fruta – e outro com vários desenhos e amarelinhas feitos no chão. Eu conhecia cada parte do Jardim de Infância. As entradas “secretas”, caminhos mais fáceis para as dependências da escola, a sala dos professores, direção... Enquanto minha mãe trabalhava na limpeza das salas e outras dependências da escola, eu ficava com a funcionária que auxiliava os alunos na entrada, brincando nos vários lugares da escola ou em alguma sala de aula. Eu era menor que as outras crianças, que tinham em média seis anos de idade, mas adorava ficar perto delas.

Com o passar do tempo fiquei cada vez mais frequente nas aulas da tia Regina, que era minha professora preferida. Eu ficava observando da porta as aulas dela, e ela sempre me convidava para entrar. Me encantava a forma como ela ensinava seus alunos, e logo percebi que apesar de gostar muito de estar com eles, havia muitas coisas que não conseguia acompanhar. Falei para minha mãe que queria ler como as outras crianças, e assim comecei a ser alfabetizada.

Nossa casa, na época em construção graças ao novo trabalho da minha mãe que nos dava uma estabilidade financeira maior, tinha um muro de tijolos nos fundos, e lá minha mãe começou a me ensinar o alfabeto. Ela escrevia as letras com giz e me ensinava uma a uma. Logo aprendi a juntar as sílabas, e depois a formar palavras. Enquanto ela lavava as roupas, eu lia relia as palavras escritas nos tijolos e formava novas palavras. Foi uma descoberta doce e divertida, e em pouco tempo estava acompanhando o resto da turma, mesmo não sendo matriculada.

No mesmo ano que aprendi a ler e escrever aconteceu a formatura da turma da tia Regina, na qual eu assistia as aulas. Fiquei bastante frustrada ao perceber que não me formaria com eles, e minha mãe me explicou que, devido a minha idade, eu era aluna “ouvinte”, e quando crescesse um pouco mais poderia me formar também. No ano seguinte assisti às aulas conformada com minha condição de ouvinte, e assisti novamente a formatura dos colegas com quem passei o ano. Quando finalmente tive idade suficiente para ser matriculada como aluna regular, por motivos internos a escola não teve cerimônia de formatura.

A pré-escola foi uma fase de descobertas e alegrias, e foi um privilégio poder viver tudo isso com minha mãe trabalhando no mesmo ambiente. Nessa mesma escola fiz a primeira e a segunda série do ensino fundamental. Como tinha certa facilidade nos conteúdos e estava bastante adiantada na alfabetização, completei as duas séries em apenas um ano. Para nossa surpresa, a escola em que ela trabalhava e eu estudava foi desativada para dar lugar à sede de projetos sociais do governo. Levamos boas lembranças e amigos com quem temos contato até hoje.

Na terceira série do Ensino Fundamental fui para a Escola Classe 01 de Brazlândia. Mesmo sendo a primeira vez que estudaria lá, a escola já era bastante familiar para mim. Minha avó havia trabalhado lá durante muitos anos, minha mãe havia estudado lá, assim como meu irmão mais velho, e para minha alegria, minha mãe acabara de ser transferida para trabalhar lá também.

A escola era grande e organizada, e eu passava os dois turnos lá, já que estudava durante o matutino, e minha mãe trabalhava durante o vespertino. Adquiri mais responsabilidades, aprendi a trabalhar em grupo, e tive as primeiras impressões do que era ser professor na rede pública. Minha mãe sempre me levou para assembleias, manifestações, e apesar de achar divertido, somente nessa época comecei a compreender vagamente o motivo de tudo aquilo.

Nesse ano descobri o gosto pela literatura, quando li *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos pela primeira vez. Cresceu também minha admiração pelos professores da escola, ao passar várias tardes ao lado deles, ir às atividades para os funcionários e ajudá-los a organizar as salas e corrigir trabalhos e avaliações dos alunos mais novos. Tinha um bom aproveitamento na escola, gostava bastante de aprender e isso continuou durante a 4ª série, no ano seguinte. Nesse ano finalmente participaria de uma formatura, mas optamos por um passeio para todos os formandos. Ainda assim a escola preparou convites e homenagens, e apesar de nossa pouca idade nos emocionamos muito. Parecia um grande passo concluir a primeira fase do Ensino Fundamental, e mal compreendíamos que esse passo era parte de uma longa jornada.

No ano seguinte fui para outra escola da rede pública, o Centro Educacional 2. Era uma nova fase, com novos amigos, novos e vários professores e novas responsabilidades. A escola tinha a cultura de manter a mesma turma entre a 5ª e a 8ª série, e com isso fiz amigos que me acompanharam durante vários anos. Lá também conheci professores que me marcaram bastante por sua forma de ensinar. Apesar disso meu aproveitamento diminuiu. Demorei a me adaptar às novas avaliações e pela primeira vez me saí mal em uma prova. Ao ver meu desapontamento, minha mãe me acalmou dizendo que ainda havia muito que aprender, e que poderia me dedicar ainda mais nas próximas vezes.

Com o passar do tempo passei a me dedicar um pouco menos durante as aulas, apesar de sempre estudar e obter boas notas. Minha mãe, apesar de não trabalhar na mesma escola, sempre mantinha contato com os professores e acompanhava tudo o que acontecia. A adolescência foi uma fase de descobertas, e esse acompanhamento tanto por parte da família como dos professores contribuiu muito para meu crescimento.

A 8ª série havia sido o melhor ano da minha vida escolar até então, os professores eram excelentes e preocupados em nos preparar para o Ensino Médio e criar oportunidades de adquirirmos mais responsabilidade com o estudo e com a vida. Logo no 3º bimestre estava aprovada em todas as disciplinas, menos em Matemática. Não conseguia aprender os conteúdos e no fim do ano acabei sendo aprovada após o conselho de professores avaliar meu rendimento geral.

No 1º ano do Ensino Médio mudei para uma escola com uma rotina bastante

diferente, não me adaptei e precisei repetir o ano. Foi frustrante para mim, mas aceitei a decisão da minha mãe de me mudar de escola. Havia apenas duas escolas na cidade que ofertavam o Ensino Médio, e a escola para a qual precisaria me mudar tinha fama de não ser uma escola de qualidade. Mudei-me um pouco decepcionada, mas logo no primeiro dia de aula fiz vários amigos e conheci professores que me fizeram ser grata por essa mudança.

Os três anos que se passaram foram cheios de experiências e aprendizado. A escola tinha professores maravilhosos e dedicados, e me chamava a atenção, em especial, o professor de Sociologia, que conhecia cada aluno e se preocupava com as necessidades de todos, dentro de suas possibilidades. Com esse professor aprendi a questionar, ler e buscar aquilo que acreditamos, independente de nossa situação.

Fiz a avaliação do PAS (Programa de Avaliação Seriada) da Universidade de Brasília durante os três anos do Ensino Médio, mas confesso que não era uma ambição ingressar em uma universidade pública, por isso não acompanhava sempre os cursos mais concorridos, notas de corte ou meu rendimento ano a ano.

A escola não tinha um número significativo de estudantes aprovados no PAS ou no vestibular, mas tínhamos uma orientadora sempre preocupada em nos dar orientações e nos motivar. Só dei atenção realmente as informações que ela sempre levava até nós em 2009, no 3º ano do Ensino Médio, quando ela foi nos explicar sobre as notas de corte e que aquele era o momento de preencher nossa inscrição para a avaliação, e dessa vez com nossa opção de curso.

Durante toda a minha vida escolar tive a ideia de que faria Letras na faculdade, mas no último ano do Ensino Médio tive uma professora de Português que estava sempre preocupada em transmitir toda a matéria, mas nem sempre em como estávamos absorvendo tudo. Utilizávamos bastante o livro didático, e ela sempre dizia que nós precisávamos nos preocupar, porque ela, de qualquer forma, receberia seu salário ao fim do mês. Mesmo compreendendo que era verdade, naquele ano perdi todo o gosto que eu tinha pela disciplina. Então, ao preencher minha inscrição para o PAS pensei rapidamente em qual área eu me sentiria realmente realizada e optei por Pedagogia, ainda sem compreender plenamente o que isso significaria para mim.

No fim do ano, fiz várias avaliações para concorrer a vagas em faculdades

particulares, sempre para o curso de Pedagogia. Surpreendi-me comigo mesma ao ficar em segundo lugar em uma dessas avaliações. Devido a minha colocação, consegui um desconto muito bom para o pagamento de todas as mensalidades do curso e me matriculei. Para minha surpresa, ao olhar alguns dias depois o resultado do PAS, vi que eu havia sido classificada. Foi uma surpresa, já que eu era a primeira em minha família a ingressar em uma Universidade pública. A partir daí, muitas coisas mudaram.

Além de mim, cinco alunas ingressaram na UnB, o que foi uma conquista inédita e significativa para a escola. Os professores ficaram orgulhosos e até aparecemos em um jornal. No início do mesmo ano, os professores da Universidade entraram em greve e o início das aulas foi adiado.

Uma professora do curso de Física que fazia parte de um projeto de extensão que atendia várias comunidades ouviu nossa história e nos convidou para fazer parte do projeto em Brazlândia. Esse foi meu primeiro contato com a Universidade, pois começamos muito tempo antes do início das aulas.

O projeto chamava-se Brinquedoteca Veredinha, devido ao nome do parque que deu origem ao local onde ficava o polo de extensão da Universidade em Brazlândia. Atendíamos às crianças da comunidade com idade entre seis e dez anos de idade. Posso dizer que foi um tempo de grande aprendizado. Além das oficinas que fazíamos com as crianças, tínhamos encontros com os outros participantes do projeto mais experientes, e de vários cursos, além das orientadoras. Acredito que aí comecei a compreender um pouco sobre a diversidade dentro da Universidade, e sobre o novo mundo do qual eu também fazia parte a partir de então.

Meses depois, finalmente começaram as aulas. Eu já me sentia bastante familiarizada com o ambiente da Universidade, e me encantava a cada aula. Não tinha dúvidas de que esse era realmente o curso que eu queria fazer, e a carreira que eu queria seguir. O primeiro semestre foi um tempo de descobertas, de fazer amigos, de compreender um pouco mais a respeito do curso.

No segundo semestre, com as aulas de Projeto 2, percebi que o curso de Pedagogia me oferecia um número maior de oportunidades e opções do que eu havia imaginado até então, e no mesmo semestre senti o desejo de se seguir como pedagoga na área hospitalar, na área carcerária e na área empresarial. No fim do semestre, meu encantamento com o ambiente escolar falou mais alto e decidi



direcionar meu curso para isso. No mesmo semestre comecei também a fazer um estágio remunerado.

Comecei meu Projeto 3 no terceiro semestre, com a professora Sonia Marise. Escolhi o projeto Economia Solidária, a princípio, pela flexibilidade de adequar meus horários ao estágio remunerado que eu estava fazendo, em uma escola da rede privada. Éramos um grande grupo, com estudantes de vários cursos da Universidade. Todos os sábados pela manhã nos encontrávamos na Universidade e seguíamos para uma ONG em Santa Maria. Havia muito trabalho a ser feito lá, e a gestora nos acolheu e iniciamos esse trabalho. Auxiliávamos desde a parte física, com reformas, limpeza e organização, até a parte dos cursos, de buscar novos alunos e dar sugestões sobre novos projetos. Aprendi muito com todas as experiências, mas por motivos pessoais não continuei com o Projeto nos semestres seguintes.

Com o passar do tempo, fiz outros estágios remunerados, e fui adquirindo uma experiência maior em sala de aula, além da área de orientação e de educação especial.

Já no sétimo semestre, tranquei meu curso para realizar um trabalho voluntário por um ano e meio nos estados da região norte do Brasil. Era um projeto que eu tinha há muitos anos, e apesar de ter planejado cumpri-lo somente depois de concluir minha graduação, acredito que aconteceu no tempo correto e mais adequado. Amadureci muito na Universidade ao conviver com diferentes pessoas, e isso me preparou para esse trabalho, que me possibilitou experiências que me fizeram crescer e mudar como pessoa, e que guardo com muito apreço. Conviver diretamente com uma realidade tão diferente me fez adquirir uma sensibilidade maior para enxergar o meu próximo, e isso contribuiu bastante para as escolhas que fiz após meu retorno, inclusive ao voltar para a Universidade.

Ao voltar para Brasília, no início de 2015, me adaptei rapidamente a minha rotina, voltei a trabalhar, mas encontrei certa dificuldade ao voltar para a Universidade. Tantos meses longe me fizeram refletir sobre o significado de minhas escolhas e o que minha formação significaria não só para mim no futuro, mas para as pessoas com quem eu conviveria. Graças a essa introspecção e ao grande número de oportunidades que eu sabia existir dentro da Universidade, comecei a pesquisar projetos que me ajudariam a realizar esse desejo de ter não apenas uma

formação, mas também de utilizá-la para fazer alguma diferença em minha comunidade e em outros lugares.

Após pesquisar bastante, decidi direcionar a primeira fase de meu Projeto 4 para a Educação de Jovens e Adultos. Entrei em contato novamente com a professora Sonia, e conversamos sobre essa possibilidade. Ela me acolheu novamente após tanto tempo longe do Projeto, e comecei a pesquisar escolas em Brazlândia que ofertavam a EJA.

Acompanhei uma turma de 1ª série do Ensino Fundamental durante um semestre, e aprendi bastante com as experiências de cada aluno. Admirava-me a animação da turma ao aprender o que as professoras transmitiam, mesmo após um dia inteiro de trabalho, normalmente cansativo. Tive a oportunidade de conversar com cada aluno em particular, e eles me contaram sua história, os motivos pelos quais precisaram deixar a escola quando eram crianças, porque não haviam voltado até então, seus sonhos, dificuldades, entre outras coisas. Algumas dessas conversas me marcaram muito, especialmente por perceber que para muitos deles, que tinham entre vinte e sessenta anos de idade, aquele era o maior sonho, o sonho de aprender a ler e escrever. Não tinham muitas pretensões após isso, desejavam apenas “sair do escuro”, como muitos disseram.

Ao fim desse semestre, percebi que compreendia mais, agora na prática, a importância de políticas públicas que atendam a todas as faixas etárias da população, e a importância de contribuir para que não existam tantas falhas na educação que ofertamos nas escolas hoje, para que essas crianças não precisem interromper seus estudos. Compreendi também a importância de um professor que priorize o diálogo em sala de aula, independente da idade de seus alunos.

No semestre seguinte ocorreram várias mudanças na gestão da Faculdade de Educação e na oferta dos projetos, que são no curso de Pedagogia nossa principal oportunidade de contato com a realidade do pedagogo em diversos ambientes, e decidi procurar um novo projeto, mas que ainda se enquadrasse em minhas novas perspectivas dentro do curso.

No início do primeiro semestre de 2016 conheci, através de uma rede social, a Casa de Paternidade na Comunidade Santa Luzia, na Cidade Estrutural. Senti imediatamente o desejo de contribuir de alguma forma, e entrei em contato com uma das voluntárias. Ela me convidou para conhecer o local, e logo na primeira visita me

encantei com as crianças e com o lugar. Como crianças que viviam em uma realidade tão sofrida podiam me acolher tão bem e com tanta simplicidade? Entendi, logo no primeiro dia que as conheci, que a felicidade depende do que acontece dentro de nós, e não fora. Sabemos isso quando crianças, mas às vezes perdemos esse conhecimento com o tempo. Voltei para casa naquele dia com a certeza de que eu aprenderia muito mais com aquelas pessoas do que elas comigo, e com um sentimento que apesar de conhecer bem por outras experiências em minha vida ainda não sei explicar. Conversei também com uma das coordenadoras, que me explicou as dificuldades naquele momento, como funcionava o projeto e como eu poderia ajudar. Contou-me também que havia um grupo da UnB que havia começado a trabalhar com eles há pouco tempo. Fiquei bastante feliz, pois poderia participar e talvez concluir a segunda fase do meu projeto ao mesmo tempo. A partir daí, comecei outra busca, e conheci o Projeto Diálogo com Experiências Educacionais Inovadoras, carinhosamente chamado de Autonomia.

O projeto de extensão, coordenado pela professora Fátima Vidal, da Faculdade de Educação em parceria com outras pessoas acolhe estudantes de vários cursos da Universidade de Brasília, além de várias outras pessoas interessadas em ideias inovadoras para a educação. As reuniões ocorrem uma vez por semana, e os alunos tem a oportunidade de escolher um local para atuar. Escolhi juntamente com outros alunos o Centro de Desenvolvimento da Criança, na comunidade Santa Luzia.

Nas primeiras reuniões, apenas conseguia me perguntar por que não havia encontrado o Autonomia antes. Sem dúvida a influência e apoio da minha mãe e professores e as experiências que vivi contribuíram para minha caminhada dentro do curso, e meu encontro com a Casa de Paternidade tem somado ainda mais à pessoa e futura pedagoga que tenho me formado. Hoje acredito na educação como ferramenta de transformação, estamos no início ou no fim dessa jornada.

## **PARTE 2.**

### **MONOGRAFIA**

#### **INTRODUÇÃO**

Sabe-se que a infância tem importância fundamental para o desenvolvimento e perspectivas futuras de um sujeito, e a relação com o meio, assim como a relação adulto-criança, também tem um papel crucial nessa fase.

Desde que ingressei na universidade no primeiro semestre de 2010, minha visão de mundo foi drasticamente alterada e tive muitas oportunidades de ampliar minha visão para questões que antes não considerava importantes, ou acreditava que não eram “problema meu”. Ao longo do curso de Pedagogia percebi várias questões, e que a partir do momento em que sou parte da sociedade, são um problema meu também. Querendo ou não temos uma parcela de responsabilidade com o que acontece no meio social, principalmente no que diz respeito às desigualdades sociais.

No início de 2016 aconteceu meu primeiro contato com o Projeto Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras, projeto de extensão da Universidade de Brasília e com a Casa de Paternidade e o Centro de Desenvolvimento da Criança (CDC) na Comunidade Santa Luzia, Cidade Estrutural. Escolhi esse projeto principalmente pela flexibilidade de acolher diversos temas, e ter tantas possibilidades dentro dos meus interesses no curso. Com isso me senti à vontade para escolher uma temática que não está atrelada à especialidade do professor em sala de aula.

Os voluntários que realizavam projetos com as crianças e adolescentes no local sempre falavam como a comunidade não era vista, como as condições eram precárias e dos recursos que não chegavam até lá. Sempre gostei de trabalhar como voluntária e logo me interessei em conhecer mais e participar de alguma forma. Em um primeiro momento imaginei que o Centro de Desenvolvimento da Criança fosse um espaço normal para o fim a que se destina: Acolher e oferecer cuidados as crianças da comunidade cujos pais precisam trabalhar durante o dia. Contudo, logo percebi como o CDC e a Casa de Paternidade se caracterizam como

espaços de resistência dentro dessa comunidade, talvez os mais significativos, já que a comunidade conta com outros grupos que fazem um trabalho similar.

Ao conhecer mais o Centro de Desenvolvimento da Criança e a Casa de Paternidade comecei então a pensar na importância e no desafio que é para o pedagogo atuar em um espaço não escolarizado partindo de uma realidade diferente da sua e, ao mesmo tempo, a importância de ter um trabalho pedagógico bem organizado para potencializar o desenvolvimento das crianças. Foi assim que, com a ajuda do Projeto de Extensão Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras decidi trabalhar com esse tema em meu trabalho de conclusão de curso.

Como locais de reflexão, os espaços educativos, formais e regulares ou não, devem preparar para o social, para estabelecer criticamente relações com o mundo, nesse sentido Paulo Freire coloca que o educador deve ter um papel de colaborador, de aprender com o educando e não para o mesmo. Libâneo também coloca que o educador deve pensar e refletir sobre o que deve ser mudado em sua prática, e colocar isso em ação. Essa reflexão deve ser provocada desde os primeiros momentos, e as crianças devem ter oportunidades para pensar seu papel e sua importância no lugar onde vivem. O CDC se apresenta não apenas como um espaço educativo, mas também um espaço de resistência e transformação de vida para as educadoras, educadores e crianças.

Durante minha graduação participei de alguns projetos e trabalhos voluntários, e é com essa vivência e minhas visitas ao CDC que surge minha questão de pesquisa: como uma comunidade constrói espaços que se confirmam como áreas de resistência a partir do cuidado com as infâncias?

O objetivo geral desse trabalho é identificar como a comunidade Santa Luzia constrói espaços de resistência através do cuidado com as infâncias, e este objetivo está diretamente ligado à questão citada, surgindo assim algumas questões norteadoras: Que reflexo esse trabalho tem na vida das mães educadoras<sup>1</sup>, educadores e crianças que atuam no CDC? Como esse trabalho ajuda a desenvolver sua autonomia? Qual é a importância desse trabalho na comunidade?

---

<sup>1</sup> O termo mães educadoras existe no CDC desde o início das atividades, pois o trabalho é feito por mães da comunidade que atuam como educadoras.

A partir dessas questões, definem-se os objetivos específicos:

- Identificar a importância do trabalho voluntário das mães educadoras da comunidade junto ao Centro de Desenvolvimento da Criança;
- Analisar a contribuição das vivências no Centro de Desenvolvimento da Criança para a autonomia dos voluntários, educadores, educadoras e crianças.
- Descrever e discutir recortes trazidos a partir de cenas vividas no CDC e registradas em um diário de campo construído no estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia.

O presente trabalho baseia-se, especialmente, em relatórios gerados a partir do estágio curricular obrigatório (Projeto 4) do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. As observações foram realizadas durante o segundo semestre de 2016, no Centro de Desenvolvimento da Criança, e as entrevistas em encontros pontuais durante o primeiro semestre de 2017. Visitei o Centro de Desenvolvimento da Criança uma vez por semana durante o segundo semestre de 2016, e trabalhamos de acordo com as necessidades do dia. Por serem mães da comunidade, no início o centro estava desenvolvendo as atividades e uma rotina para as crianças, por isso em alguns dias era mais necessário ajudar a educadora do berçário, enquanto em outros pude ajudar e desenvolver atividades com as crianças maiores, até os cinco anos. Os recursos literários foram utilizados de forma conceitual, para sustentar o desenvolvimento do trabalho.

## CAPÍTULO 1

### A COMUNIDADE SANTA LUZIA

Este capítulo abordará o surgimento da comunidade Santa Luzia, que é constituída em sua maioria por pessoas que encontraram as margens do Lixão da Estrutural um meio de vida e sobrevivência, suas características culturais e condições socioeconômicas, um visível descaso por parte dos governantes e a importância dos diferentes grupos que lá atuam como agentes de transformação. Trará também uma breve apresentação da Casa de Paternidade e do Centro de Desenvolvimento da Criança, sua história e os reflexos de seu trabalho dentro da comunidade.

#### 1.1 O que é a Santa Luzia?



Fonte: Página do Chico Sant'Anna<sup>2</sup>

Localizada na Cidade Estrutural, Distrito Federal, a menos de 16 quilômetros do Palácio do Planalto e hoje com 26 anos de idade, a Comunidade Santa Luzia nasceu de uma ocupação em 1990, e foi crescendo desenfreadamente ano a ano, devido à falta de regularização e ao abandono por parte de quase todos os segmentos da sociedade.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://chicosantanna.wordpress.com/2017/04/22/justica-gdf-tera-que-remover-invasoes-na-cidade-estrutural/>

da regularização e isso contribuiu para o rápido crescimento da comunidade, que aconteceu sem a estrutura adequada e com muitas carências. As pessoas na Santa Luzia vivem em barracos de madeira ou casas de alvenaria que começaram a surgir recentemente, muitas vezes sem água encanada, energia ou esgoto.

Os moradores da comunidade Santa Luzia eram em sua maioria até o início de 2017, catadores no lixão da Cidade Estrutural, de quem são vizinhos, sendo essa sua principal fonte de sustento e sobrevivência. Essas pessoas eram expostas diariamente a todos os tipos de detritos advindos de todas as partes do Distrito Federal, violência, tráfico de drogas, contaminação por doenças e condições desumanas de trabalho.

Atualmente, com a desativação do lixão, esses moradores enfrentam outras questões, desafios e incertezas. Existem promessas de que receberão uma bolsa de R\$ 300,00, mas o valor fica muito aquém do rendimento que eles possuíam como catadores no lixão.

Frequentemente pessoas da comunidade estão sendo sondadas por funcionários da CODHAB – Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal no intuito de que será feito um remanejamento de locais da Santa Luzia para que prédios do Minha Casa Minha Vida sejam construídos e que essas famílias serão alocadas nessas novas instalações (RODRIGO,2016, p.22).

Por ser uma área não regularizada e localizada muito próxima ao centro da capital e às margens do Parque Nacional de Brasília, é necessário dar condições e qualidade de vida a essas pessoas. Se eles conseguem, através de seu trabalho no lixão construir apenas barracos e casas de alvenaria, como conseguirão pagar por apartamentos de programas do governo?

## **1.2 Uma comunidade invisível aos olhos dos governantes**

Ainda é tarefa difícil coletar dados a respeito da comunidade Santa Luzia, mesmo estando tão próxima a capital. Tal dificuldade ocorre pelo fato de o local ser esquecido pela maioria dos segmentos da sociedade. Ao procurar notícias, a Santa Luzia é lembrada pela marcante violência e pelo lixão, que era considerado o maior da América Latina.

Não é difícil perceber o descaso com os moradores ao percorrer as ruas da comunidade. Por não ser regularizado, o local não conta com asfalto, e há pouco



tempo as linhas de ônibus que passavam por dentro da comunidade sofreram alterações, e aqueles que dependem desse serviço precisam caminhar até a Cidade Estrutural para seguir para seus destinos.

Após 26 anos, muito poderia ter sido feito por essas pessoas, mas o que aconteceram foram várias promessas, especialmente durante as eleições de que essas moradias seriam regularizadas, e de que teriam condições mais dignas de trabalho e sobrevivência. Os moradores convivem hoje com a incerteza, especialmente após a desativação do lixão. Muito foi prometido a eles, mas pouco tem sido cumprido. O aterro sanitário localizado em Samambaia, por exemplo, que lhes daria melhores condições de renda e trabalho, foi inaugurado sem as estações de triagem para atender a todos os catadores, o que reflete na vida de toda a cidade, que depende desse trabalho para se manter. O comércio é afetado diretamente pela atividade dos catadores, além da renda que os mesmos retiram do lixão.

Algo precisa ser feito por essas pessoas, que parecem ser invisíveis e não ter a quem recorrer. É inadmissível ter um local com pessoas vivendo nessas condições tão próximas ao cenário de luxo e ostentação da Capital Federal. Sua situação é facilmente notada por todos que têm a oportunidade de conhecer suas histórias e lutas, mas os governantes há tempos ignoram tal fato. Não é suficiente remover essas pessoas do local e mudar o problema de região, políticas devem ser criadas para dar condições mais humanas a essas famílias.

### **1.3 Os diferentes grupos dentro da Santa Luzia: Um olhar para o futuro**

Vários grupos atuam dentro da comunidade Santa Luzia, entre eles grupos religiosos, grupos para adolescentes, universidades, Igrejas e outros voluntários. Todos trabalham de formas diferentes, mas com um objetivo em comum: Ajudar os moradores da comunidade. Não é difícil encontrar um desses grupos logo na primeira visita ao local, e a Casa de Paternidade se destaca por isso: É uma referência dentro da Santa Luzia.

Os grupos religiosos contribuem bastante na comunidade, os moradores são bastante religiosos e acreditam na importância da fé para enfrentar as dificuldades que vivem no cotidiano, ter esperança em meio a violência que presenciam no

ambiente onde vivem e encontram nas atividades desses grupos forças a mais para seguir sua vida. Além da parte espiritual, muitos desses espaços oferecem refeições, o que ajuda muito os moradores, especialmente os mais carentes financeiramente.

Existe dentro da comunidade o Coletivo da Cidade Estrutural, que tem uma proposta para crianças e adolescentes da região no contra turno escolar, e oferece atividades artísticas e educativas como ferramenta de transformação social. As ações do coletivo, somada a outras atividades ofertadas dentro da comunidade, permite aos moradores ver o mundo e a comunidade onde vivem de outra forma, é sem dúvidas um troca de experiências e saberes. O Coletivo atua na Cidade Estrutural, e auxilia também dentro da comunidade Santa Luzia.

Sobre o surgimento e desenvolvimento do projeto, o site do Coletivo Estrutural destaca que

apesar de recém criada a entidade é fruto de uma experiência acumulada há mais ou menos cinco anos de trabalho deste tipo na cidade, que aos poucos foi reunindo estudantes universitários extensionistas de diversas áreas, profissionais da assistência e educação, além de mães e voluntários da própria cidade. E é bem esse o espírito da coisa, ou seja, a idéia do projeto é estar aberto à colaboração e participação de todos num grande abraço fraterno e comprometido com a Cidade Estrutural!  
(<https://coletivodacidade.wordpress.com/sobre/>)

A Casa de Paternidade se destaca dentro da comunidade e isso foi perceptível logo em minha primeira visita o local; as pessoas na rua sabem indicar o local e conhecem as pessoas que ali atuam. O local é conhecido não apenas pelos pais das crianças que ali recebem atenção e cuidados, mas por moradores no geral. É um espaço de ajuda, escuta e acolhimento.

#### 1.4 A Casa de Paternidade e o Centro de Desenvolvimento da Criança (CDC): Campos de observação e aprendizado



Fonte: Facebook<sup>3</sup>

A história da Casa de Paternidade tem início em 2011, com um momento trágico que deu lugar à esperança e a solidariedade.

Uma voluntária ao saber da situação precária de uma família na comunidade Santa Luzia, decide ajudar. A mãe de oito crianças havia sido assassinada, e o pai, catador do lixo da Estrutural era bastante ausente. Por meio de doações, uma casa foi alugada para a família no Riacho Fundo, região do Distrito Federal, o pai começou a trabalhar na construção civil e as crianças a irem à escola.

A casa onde a família morava deu lugar ao espaço hoje conhecido por todos como Casa de Paternidade. Um lugar simples, mas que carrega desde o início em seu nome e história lutas, resistência e solidariedade. Um lugar que como a comunidade onde se encontra, vive e se renova todos os dias.

Nascida do anseio de mães que precisavam de um local que acolhesse seus filhos enquanto trabalhavam e em parceria com pessoas de fora da comunidade, a Casa de Paternidade surge como um sonho repleto de lutas e ganha forma e força cada dia. É conhecida pelos moradores do local como uma referência e vai além: o espaço oferece auxílio a todos os que necessitam na comunidade, seja na questão de alimentação, quando é necessária uma intervenção com a polícia, ou como um espaço de atividades e escuta.

---

<sup>3</sup> Disponível em [www.facebook.com/alinealbernaz](http://www.facebook.com/alinealbernaz) Acesso em abril de 2017.

O nome Casa de Paternidade chama atenção e foi escolhido porque as mulheres em sua maioria exercem o papel de pai e mãe no lar, e o espaço é majoritariamente gerido por mulheres.

Dentro da Casa de Paternidade funcionam projetos como a loja solidária e o mercado solidário, que ajudam os moradores a desenvolver princípios de Economia Solidária, como cooperativismo e solidariedade, além de atividades para os jovens e adolescentes. Atualmente o espaço passa por uma ampliação, e novas atividades estão começando a serem desenvolvidas, como Educação de Jovens e Adultos, que agora é ofertada aqueles que por algum motivo não tiveram oportunidade de estudar anteriormente.

Em 2015, através de uma das coordenadoras do projeto, a Casa de Paternidade se aproxima da Universidade de Brasília e do Projeto Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras. A Casa de Paternidade passou por diferentes coordenações e muitas mudanças ocorreram desde então.

Em janeiro de 2015, alunos da Universidade de Brasília, orientados por professoras do projeto de extensão Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras assumem responsabilidades na Casa de Paternidade, estreitando ainda mais os laços com a Universidade. As professoras tinham uma participação ativa logo no início do Centro de Desenvolvimento da Criança, e estavam presentes todas as sextas feiras, juntamente com toda a equipe da Casa de Paternidade, incluindo a direção, a coordenação, formada no início pela Dayane, depois pela Letícia, e as mães educadoras.

O ano de 2016 foi um ano de transição e conquistas dentro da organização da Casa de Paternidade e do CDC, que hoje conta com uma gestão totalmente guiada pelas mães educadoras e educadores. As mães, que anteriormente depositavam toda a confiança e responsabilidades em pessoas de fora da comunidade, perceberam que têm em suas mãos poder e autonomia suficiente para gerir um espaço que elas ajudaram a construir.

O Centro de Desenvolvimento da Criança, ou CDC, foi inaugurado em janeiro de 2016, com o objetivo principal de oferecer uma infância digna para as crianças que vivem na comunidade Santa Luzia. O espaço localiza-se de frente pra a Casa de Paternidade, e também é conhecido por todos.



Fonte: Facebook

Alguns moradores referem-se ao local como creche, outros como espaço de convivência. O local conta com uma estrutura capaz de atender a demanda das crianças a que atendem, com cozinha equipada com geladeira, forno micro-ondas, fogão e doações que permitem ao CDC oferecer cinco refeições diárias às crianças, além de material, um berçário e outros espaços para as crianças, que têm entre oito meses e cinco anos de idade.

Sobre a organização do trabalho dentro do CDC, Rodrigo (2016) destaca:

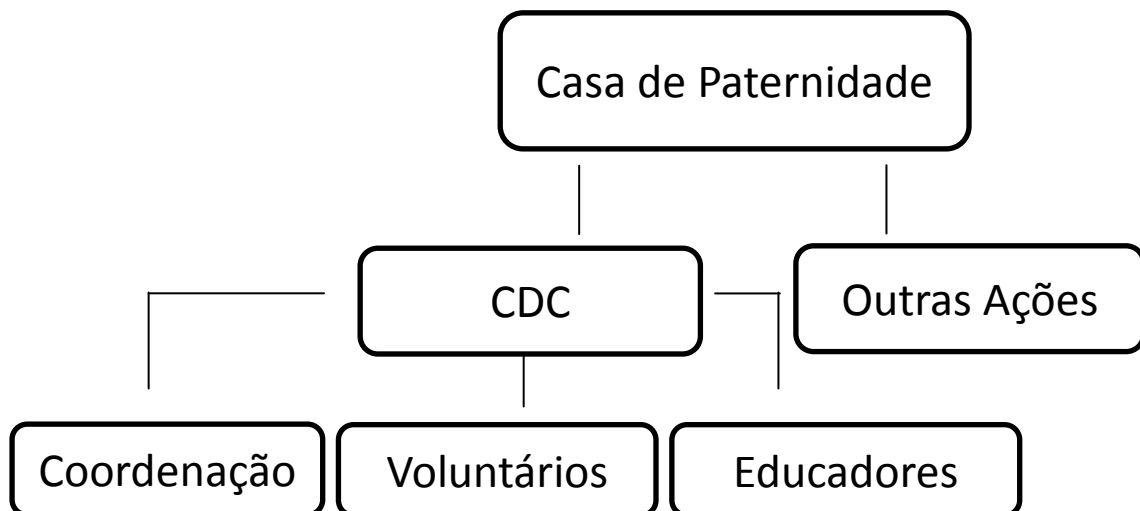
O espaço funciona com responsáveis para organizar as doações feitas, um grupo de voluntários cuida dessa parte, conseguir verba, cestas básicas, roupas, tudo o que for necessário para o bom funcionamento da casa. As mães ficam por conta das crianças, limpeza do espaço e alimentação. Dentro dessa perspectiva de criar possibilidades, as pessoas da casa levam as crianças da comunidade a passeios em diversos locais para que saiam e conheçam esse outro mundo. O objetivo inicial seria de mostrar para essas pessoas que elas são capazes, principalmente essas mães que sofrem diariamente pela realidade de descaso e abandono (RODRIGO, 2016, p.28)

Um caso que merece atenção dentro da história da Casa de Paternidade e do CDC é o das mães educadoras que no último ano se desligaram da Casa de Paternidade e juntas formaram outro espaço que também atende e acolhe outras crianças da comunidade. Apesar dos motivos que as levaram a se afastar e fundar seus próprios espaços, essas mulheres continuam fazendo a diferença dentro

da Santa Luzia e demonstram a autonomia e a força que desenvolveram, pois perceberam que mais crianças podem ser atendidas por meio de seu trabalho.

O CDC caracteriza-se como um verdadeiro espaço de resistência, graças ao trabalho das mães educadoras e educadores que lá atuam. Essas mulheres desenvolvem atividades que permitem as crianças se desenvolverem física e intelectualmente em um ambiente de acolhimento e respeito, tendo assim condições para enfrentar a realidade que vivem em suas casas, muitas vezes com carências afetivas e financeiras.

Atualmente o CDC é parte da Casa de Paternidade, que oferece outras ações para auxiliar na qualidade de vida dos sujeitos da comunidade, com a ajuda da coordenação, que agora conta com pessoas da própria comunidade, além de outros voluntários e os educadores.



Toda a organização da Casa de Paternidade contribui para o diálogo com a comunidade da Santa Luzia, e essa organização é fruto de muito trabalho e diálogo. É um trabalho que se fortalece a cada dia.

## **CAPÍTULO 2**

### **DISPOSITIVOS LEGAIS, PEDAGOGIA SOCIAL E CUIDADO COM A INFÂNCIA**

Este capítulo aborda a questão da infância, visto que é a faixa etária que o Centro de Desenvolvimento da Criança (CDC) atende, e a importância do cuidado e investimento no desenvolvimento durante os primeiros anos de vida. Traz um breve histórico da legislação de proteção à criança e sua evolução no Brasil, por meio de dados levantados pela UNESCO. O capítulo traz também embasamento teórico para a reflexão sobre a educação que acontece dentro do CDC, uma educação autogerida pelas próprias mães educadoras e educadores, relacionando-a a Pedagogia Social e Educação.

#### **2.1 O CUIDADO COM A INFÂNCIA**

Os primeiros anos de vida da criança fazem parte de um período fundamental à formação cognitiva e subjetiva e é determinante para os resultados do ciclo de vida, assim como para seu desenvolvimento nas esferas cognitiva, afetiva, social e física. Essa importância é cada vez mais ratificada por estudos de várias disciplinas.

O processo de desenvolvimento infantil exige oportunidades educativas. As conquistas individuais resultam de um processo de relação com o outro, seja com outras crianças, com o ambiente ou na relação com o adulto.

Crianças que crescem em uma situação de pobreza, com poucas condições de saneamento, pouco cuidado e estímulo cognitivo e subjetivo, além de uma nutrição empobrecida nos primeiros anos de vida têm maior probabilidade de crescer e se desenvolver de forma diferente de outras crianças que possuem todas as condições.

Nesse contexto, os investimentos na infância produzem benefícios significativos a longo prazo, e investir nas crianças com idade entre zero e seis anos promove justiça e equidade social, o que interfere na sociedade como um todo, visto que essas crianças e suas famílias fazem parte do meio social e podem ser participantes ativas dentro dele. Heckman (2007) destaca:

Com frequência, os governantes desenham programas para as crianças como se elas vivessem suas vidas em compartimentos, como se cada estágio da vida da criança fosse independente do outro, desconectado do que veio antes ou do que virá depois. É hora dos formuladores de políticas olharem para além dos compartimentos, começarem a reconhecer que investimentos consistentes, com custo-efetivo nas crianças e jovens, podem se pagar por si mesmos. (HECKMAN, 2007, p.)

Em março de 1990, a comunidade mundial reunida em Jomtien, Tailândia, sob a liderança da UNESCO, anunciou a Declaração Mundial de Educação Para Todos – ou Declaração de Jomtien – que reconhece que todos os indivíduos têm o direito a oportunidades educativas que satisfaçam suas necessidades básicas de aprendizagem. Essa declaração destaca que *a aprendizagem começa no nascimento*, incluindo a educação e os cuidados na primeira infância como parte da educação básica, confirmando assim que a primeira infância é uma área da educação que requer atenção das políticas nacionais. A partir desse documento a primeira infância deixa também de pertencer ao domínio privado das famílias, podendo ser assistida também pelas comunidades e programas institucionais.

Mesmo com as propostas e inspirações conceituais e políticas promovidas pela Declaração de Jomtien, poucos avanços foram percebidos no progresso em relação à educação na infância nos países participantes. A Avaliação do ano de 2000 do Educação Para Todos, promovida pela UNESCO mostrou que naquele ano, menos de um terço do mais de 800 milhões de crianças que faziam parte da faixa etária compreendida como infância era beneficiada com alguma forma de Educação Infantil, e quase 113 milhões de crianças não tinham acesso ao ensino fundamental. Na maioria dos países, os cuidados com a infância se resumiam a educação infantil, ofertada normalmente a partir dos três anos de idade, tornando a visão de educação a partir do nascimento, levantada na Declaração uma realidade ainda distante.

Ainda no ano 2000 o compromisso com a educação e o cuidado com a infância foi renovado e ampliado durante o Fórum Mundial de Educação Para Todos, realizado em Dacar. O Marco de Ação de Dacar fixava seis metas, e a primeira delas tratava diretamente da expansão e aprimoramento da educação e dos cuidados na infância. Além disso, dava ênfase na importância de esses cuidados serem ofertados especialmente às crianças mais vulneráveis e desfavorecidas.



Já em 2007, O Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos alerta para os riscos que os países enfrentam ao negligenciar os cuidados com a infância:

O tempo está se esgotando para se alcançar as metas de Educação para Todos (EPT – Education for All) fixadas em 2000. Apesar do progresso global e sistemático na educação primária, igualmente para as meninas, inúmeras crianças não estão na escola, abandonando-a precocemente sem alcançar os padrões mínimos de aprendizagem. Ao negligenciarem as conexões entre a educação e os cuidados na primeira infância, a educação primária e secundária, e a alfabetização de adultos, os países estão perdendo oportunidades de melhorar a educação básica em todos os seus aspectos – e, conseqüentemente, as perspectivas das crianças, jovens e adultos em toda parte (UNESCO, 2007).

Segundo dados da UNESCO em 2007, em países que não pertencem ao chamado primeiro mundo, as crianças tinham quatro chances em dez de viver na extrema pobreza, além do alto número de crianças que morriam em decorrência de doenças que poderiam ser prevenidas. É o caso das crianças no Brasil.

### **2.1.1 A Infância no Brasil - Legislação**

Um dos empecilhos para descrever com exatidão a situação da infância no Brasil é o número de crianças que sequer são registradas, mesmo após a universalização do direito ao registro civil de nascimento. Sem o registro civil a criança não pode ser considerada cidadã perante o Estado, e com isso perde uma série de benefícios que poderiam auxiliar em seu desenvolvimento.

O Brasil possui ainda outros desafios, como o alto número de crianças vivendo em situação de pobreza e a alta mortalidade e desnutrição infantil. Ainda que tenham seus direitos assegurados por lei, uma infância digna ainda é realidade distante para muitas crianças no país.

Na história da legislação brasileira, podemos identificar três correntes jurídico-doutrinárias em relação à proteção da infância. A primeira, conhecida como Doutrina do Direito Penal do Menor, inspirava-se nos códigos penais de 1830 e 1890. Essa

doutrina preocupava-se especialmente com a delinquência, e baseava a imputabilidade no entendimento do menor a respeito do ato criminoso. Mais tarde, passou a vigorar a Doutrina Jurídica da Situação Irregular, baseada, segundo estudiosos, no paternalismo e assistencialismo.

As situações de perigo ou irregulares estavam associadas ao abandono material ou moral, considerando-se que poderiam conduzir o “menor” à criminalidade. Compreendia-se que tais situações irregulares, via de regra, eram consequência da situação irregular da família, principalmente da sua desagregação. (UNESCO, 2007)

A Doutrina Jurídica da Situação Irregular foi substituída pela Doutrina Jurídica da Proteção Integral, e o Código de Menores, que fazia parte dela, deu lugar ao Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990). O Brasil foi se adaptando às diretrizes e documentos internacionais de proteção à infância. A Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas, em 1948 destaca o direito à *“cuidados e assistência especiais para as crianças”*, e em 1959, a Declaração Universal dos Direitos da Criança determina que:

a criança gozará de proteção especial e disporá de oportunidade e serviços, a serem estabelecidos em lei ou por outros meios, de modo que possa desenvolver-se física, mental, moral, espiritual e socialmente de forma saudável e normal, assim como em condições de liberdade e dignidade. Ao promulgar leis com este fim, a consideração fundamental a que se atenderá será o interesse superior da criança (UNICEF, 1959).

Não é meu objetivo detalhar a legislação a respeito da infância no Brasil, mas podemos observar a mudança de foco ocorrida ao longo da história. A legislação de proteção à infância evoluiu da repressão e exclusão para a proteção como prioridade, e não apenas uma obrigação da família e do Estado, mas um dever social. Passasse, mesmo que essencialmente no papel, a observar a importância da inclusão e do cuidado desde os primeiros anos para tornar possível o desenvolvimento integral da infância.

Percebemos a mudança de prioridades na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar

comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1989).

O Estatuto da Criança e do Adolescente, em seus artigos 4º, 5º e 7º, também assegura à criança o direito ao desenvolvimento e proteção integral:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão punida na forma da lei, qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Art. 7º A criança e o adolescente têm direito à proteção, à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência (BRASIL, 1990).

Se tratando da Educação Infantil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional possibilitou mudanças significativas a partir de 1996. As creches e pré-escolas, por exemplo, passaram a fazer parte da educação básica, e a ser consideradas um direito. Com a LDBEN, as instituições passaram a se ajustar e evoluir do cuidado básico para a prática educacional, garantindo o acesso e permanência às crianças, oferecendo um serviço de qualidade.

Segundo o CENSO 2010, havia no Brasil 39.025.835 crianças entre zero e doze anos, o que na época equivalia a vinte por cento de toda a população do país. Sabe-se que apenas uma legislação em constante avanço não garante que essas crianças sejam assistidas com qualidade, possibilitando um desenvolvimento digno. É necessário um alto comprometimento do governo, vontade política, sensibilidade e investimento. Quando essas esferas falham, vemos mais claramente a atuação da sociedade civil, com políticas que chegam onde o Estado muitas vezes não chega. É o caso da comunidade Santa Luzia, no Distrito Federal.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil classificam a criança como “sujeito histórico e de direitos, que interage, brinca, imagina, fantasia,

deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL,2009). Além disso, definem como eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa as interações e brincadeiras, que são as experiências pelas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio das interações com os adultos e seus pares. Isso contribui para a aprendizagem, o desenvolvimento e a socialização.

Os espaços onde as crianças desenvolvem essa interação influenciam muito em seu desenvolvimento, e nesse contexto as creches e pré-escolas tem um papel fundamental, pois são muitas vezes a primeira separação das crianças de seus vínculos familiares para se tornarem parte de uma situação de socialização estruturada. Esses espaços devem estar atentos a seis direitos que garantem as condições pra que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo, vivenciando desafios e resolvendo-os, desenvolvendo sua autonomia e construindo significados sobre si, sobre o outro, e o mundo natural e social. São esses direitos:

1. Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação a cultura e às diferenças entre as pessoas.
2. Brincar de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos) de forma a ampliar e diversificar suas possibilidades de acesso a produções culturais. A participação e as transformações introduzidas pelas crianças nas brincadeiras devem ser valorizadas, tendo em vista o estímulo ao desenvolvimento de seus conhecimentos, sua imaginação, criatividade, experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
3. Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
4. Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
5. Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.

6. Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si mesmo e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, UNICEF, UNESCO)

Esses direitos, quando aplicados às diversas situações que as crianças vivem no contexto escolar e social podem contribuir significativamente para seu desenvolvimento cognitivo e intelectual, preparando-as para conviver com outros sujeitos de forma ativa e viver em sociedade. É necessário pensar a criação de oportunidades para que esses direitos sejam assegurados a todas as crianças, seja no ambiente escolar ou familiar. É fundamental pensar também na influência que os professores exercem direta ou indiretamente sobre essas crianças ao corporificar esses direitos em sua prática. Freire (2002) cita um exemplo de sua adolescência que pode certamente ser aplicado as vivências das crianças em espaços de educação:

Às vezes, mal se imagina o que pode passar e representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. Nunca me esqueço, na história já longa de minha memória, de um desses gestos de professor que tive na minha adolescência remota. Gesto cuja significação mais profunda talvez tenha passado despercebida por ele, o professor, e que teve importante influência sobre mim. Estava sendo, ermo, um adolescente inseguro, vendo-me como um corpo anguloso e feio, percebendo-me menos capaz do que os outros, fortemente incerto de minhas possibilidades. (...) O professor trouxe de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu a minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. (...) A melhor prova da confiança daquele gesto é que dele falo agora como se tivesse sido testemunhado hoje. E faz, n verdade, muito tempo que ele ocorreu... (FREIRE, 2002, p.19)

As experiências informais nos contextos de ensino e aprendizagem devem ser seriamente pensadas e valorizadas para que as crianças se desenvolvam plenamente, assegurando assim que se tornem sujeitos ativos e transformadores nos locais onde vivem. Traremos no próximo tópico um breve histórico sobre a

Educação Social, que é a educação ofertada às crianças da comunidade Santa Luzia através do CDC.

## 2.2 O que é Educação Social?

Tratando-se do conceito de Educação Social, podemos citar a definição dessa terminologia encontrada na Enciclopédia de Pedagogia Universitária – Glossário, elaborada por pesquisadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais Anísio Teixeira (INEP):

**EDUCAÇÃO SOCIAL:** Proposta de qualificar as pessoas nas suas comunidades, culturas e sociedades, para serem capazes, conscientemente, de decidirem seu conhecimento, sua vida, seu trabalho, sua ação política e seu espaço social. **NOTAS:** Entre as características da Educação Social (QUINTANA CABAÑAS, 1988; 1994) estão: 1. Formar a pessoa como um ser social, isto quer dizer, conscientizá-la e prepará-la para viver em uma sociedade na qual tenha o seu espaço garantido e possa se desempenhar com todas as possibilidades que lhe sejam inerentes como ser vivo e interligado a outros; 2. Formar a pessoa desde uma determinada ideologia de educação política e nacionalista, algo que já tem sido feito durante muito tempo em regimes considerados de exceção e que, muitas vezes, cortaram a liberdade da pessoa pelo interesse de um grupo ou partido. Isto não é inusitado, já que acontece com farta frequência no desenvolvimento de algumas sociedades, mesmo as mais favorecidas; 3. Formar a pessoa desde a ação educadora da sociedade. A própria sociedade se torna extremamente consciente das suas possibilidades e consistência futura. A sociedade, portanto, é elemento educador por excelência, que ajuda a desenvolver o ser humano de uma forma mais completa e totalizadora; 4. Formar a pessoa desde uma ótica de assistência social. Isso já tem sido feito e é chamado assistencialismo, isto quer dizer que precisamos ajudar os outros de maneira imediata, na tentativa de que possam resolver seus problemas mais emergentes e conflituos. A Educação Social pode ter como característica formar a pessoa desde uma pedagogia sociológica, com a finalidade de inseri-la na estrutura de valores da sociedade e tem como uma de suas preocupações ajudar a pessoa desde uma perspectiva do trabalho social. Nesse sentido, educadores, trabalhadores sociais e sociólogos estariam preocupados em resolver com os seus trabalhos a problemática das pessoas que vivenciaram a marginalidade e a exclusão. (MOSQUERA J. J. M., STOBAUS, C.) (INEP, 2006, p.64).

Essa enciclopédia elaborada pelo INEP é o primeiro material reconhecido em nível nacional onde consta uma definição para o termo Educação Social. Apesar de

não ser uma novidade no Brasil, os debates sobre a Educação Social atrelada a Pedagogia Social tem trazido novas discussões sobre o tema.

Quando compreendemos o processo de ensino-aprendizagem de forma ampla e percebemos o ser humano como sujeito principal desse processo, concluímos que a todo momento esse individuo ensina ou aprende algo, ou seja, o processo de ensino-aprendizagem e a prática educativa não ocorrem apenas no ambiente escolar. É a partir dessa lógica que podemos compreender e reconhecer a Educação Social. Como toda prática educativa é social, talvez seja redundante adjetivar a Educação como Social, mas para MACHADO (2009) o termo talvez pareça como um adjetivo justamente para demarcar uma visão de Educação que não é a mesma presente nos ambientes escolares, ou que represente perspectivas opressoras.

As várias práticas de Educação Social podem ser encontradas em diferentes espaços: ONGs, abrigos, presídios, hospitais, Educação de Jovens e Adultos, movimentos sociais, igrejas, projetos e programas sociais e até mesmo em escolas, através de projetos de contra turno, por exemplo. Esses são apenas alguns exemplos, mas por se tratar de uma educação que ocorre no cotidiano essa lista pode ser mais extensa. Fora do ambiente escolar estão presentes necessidades socioeducativas que atingem a todas as faixas etárias e que estão relacionadas à cultura, ao lazer, ao suprimento de necessidades básicas, ao atendimento a populações de risco, ao trabalho, à formação continuada, à sustentabilidade, aos direitos humanos, dentre tantas outras. (MACHADO, 2009)

Para que as práticas de Educação Social aconteçam é necessária a presença de pessoas que se tornem responsáveis por elas. Essas pessoas são normalmente chamadas de Educadores Sociais, mas existem outras definições, como Arte Educadores, Agentes Sociais e Animadores Sociais. Esses Educadores não possuem uma formação específica para atuarem em tal função. Podem ter os mais diferentes conhecimentos, formações e interesses. Nesse contexto existem muitos voluntários, assim como funcionários contratados e efetivos. Para Garrido

o caminho percorrido para o reconhecimento do profissional, educador social, em terras brasileiras, certamente vem de um longo espaço de tempo procurando consolidar o que na prática refletia-se muitas vezes como um trabalho voluntariado ou para

os desocupados. Ao ganhar o espaço acadêmico dentro da chamada ciências da educação, a educação social foi se fortalecendo e aos poucos se tornando visível no âmbito social por meio de relevantes debates, congressos, produções acadêmicas e aproximações de organismos e entidades sociais. (GARRIDO, s.d)

A partir dessa realidade surge a discussão acerca de quem deve ser esse profissional e sua formação, e a preocupação em profissionalizar, sistematizar e fundamentar a Educação Social, e é a partir dessa discussão que surge a Pedagogia Social, ciência da Educação Social.

A Pedagogia Social, a partir de um olhar científico e teórico, passa a olhar para as práticas da Educação Social e sistematiza-las, categorizá-las e estudá-las com o objetivo de contribuir para essa realidade. Por isso a Educação Social sempre está atrelada à Pedagogia Social.

Apesar de ter a possibilidade de ser bastante explorada, a Pedagogia Social não é a mesma em todos os lugares. Cada país possui suas próprias características e realidades. No Brasil, por exemplo, tem-se buscado relacionar a Pedagogia Social com os fundamentos da Educação Popular desenvolvidos por Paulo Freire, que contribuem para um debate inovador sobre a Pedagogia Social. Para MACHADO (2009):

No Brasil só recentemente o processo de estruturação e organização da área encontrou respaldo teórico e político, apesar de que a educação popular, na concepção transformadora desenvolvida por Paulo Freire (1980; 1981), para a educação de adultos, iniciada na década de 60, se aproxima da Pedagogia Social. Paulo Freire é uma das mais significativas referências brasileiras da Pedagogia Social, com reconhecimento internacional, embora não tenha usado essa nomenclatura para definir o seu trabalho. (MACHADO, 2009)

Atualmente a Educação Social tem recebido mais visibilidade no Brasil, com um debate maior em torno da Pedagogia Social, apesar de sua tradição ao longo da história.



## **2.3 Educação não formal e Educação Social dentro da comunidade Santa Luzia**

Mesmo com a criação de leis e documentos que defendem as crianças, como o Marco Legal da Infância, sancionado em março de 2016, muito ainda precisa ser feito a nível nacional para que os formuladores de políticas públicas pensem na infância como uma parcela da população que carece de investimento. A comunidade Santa Luzia é um exemplo disso. O trabalho pelas crianças parte de grupos compostos por pessoas de dentro e de fora da comunidade. O CDC e a Casa de Paternidade acolhem crianças que dificilmente seriam acolhidas em outro local. Essas crianças têm recebido uma educação não formal, que tem feito grande diferença em sua história e mudado o quadro citado anteriormente, a respeito das crianças que crescem em situações tão desfavoráveis que afetam seu desenvolvimento físico e intelectual.

Segundo La Belle (1982) podemos definir a educação não formal como toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população. Para Gadotti, é melhor definir a educação não formal pelo que ela é de fato, não apenas por sua oposição a educação formal, já que o conceito de educação vai além dos limites do formal, do escolar, abrange experiências de vida e processos de aprendizagem não formais e desenvolve a autonomia tanto da criança quanto do adulto.

Gadotti (2012), referindo-se aqueles que atuam na área da Pedagogia Social, cita que os educadores sociais contribuem para integrar sujeitos à comunidade, e sendo esses educadores sujeitos oprimidos ou não, caminham e lutam ao lado daqueles que o são.

o verdadeiro realismo do educador popular, social e comunitário é a utopia, porque esse educador educa em função de um sonho na busca de um mundo justo, produtivo e sustentável para todos e todas. Para intervir e mudar o mundo que deseja transformar, ele precisa conhecer a realidade onde atua, com os pés no chão, mas procurando enxergar longe (Gadotti, 2012).

O fato de a Educação Social ser tão presente e ter se desenvolvido mais entre ONGs, OSCs e movimentos sociais e populares torna evidente o fracasso do governo em atender as parcelas mais carentes da população. O fato de a sociedade

civil chegar onde o Estado normalmente não chega, não o priva de sua responsabilidade para com a educação e a infância.

O trabalho no CDC é baseado no cuidado das mães educadoras, que atuam em todas as atividades que fazem parte da rotina do CDC.

As mães educadoras e educadores voluntários realizam um trabalho ímpar junto à infância na comunidade Santa Luzia, por meio de sua atuação no CDC/Casa de Paternidade. Essas pessoas não possuem graduação ou cursos na área de educação infantil e representam de maneira completa o que Gadotti cita a respeito do educador popular, pois agem como verdadeiras transformadoras dentro da comunidade na busca de um mundo justo, produtivo e sustentável para todos.

Desde 2015 o projeto de extensão Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras vem acompanhando o fortalecimento dessa ação. No ano de 2016 ocorreram encontros semanais e a entrada de vários estudantes do projeto no CDC, auxiliando e contribuindo de diversas formas, como música, oficinas de trabalhos manuais, acompanhamento das crianças durante a rotina, entre outras. Agora, em 2017, apenas alguns estudantes participam com intervenções pedagógicas e as coordenadoras participam das reuniões pedagógicas do projeto na Universidade de Brasília.

## **CAPÍTULO 3**

### **METODOLOGIA**

O escopo desse trabalho aborda, em forma de pesquisa, como a comunidade Santa Luzia, que é uma comunidade marcada pela violência e abandono desde o início de seu desenvolvimento, consegue criar espaços de resistência por meio do cuidado com as infâncias. A escolha do caminho metodológico para se desenvolver a presente pesquisa se deu a partir de uma abordagem qualitativa.

#### **2.1 Pesquisa Qualitativa**

Para Creswell (2007), a pesquisa qualitativa é emergente e não estritamente pré-configurada, ou seja, diversos aspectos podem ocorrer no decorrer da pesquisa. As questões podem mudar e se refinar no momento em que o pesquisador percebe quais perguntas fará e para que sujeitos, além de ser uma pesquisa essencialmente interpretativa. Para o autor:

O pesquisador faz uma interpretação dos dados. Isso inclui o desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou de um cenário, análise de dados para identificar temas ou categorias e, finalmente, fazer uma interpretação ou tirar conclusões sobre seu significado, pessoal e teoricamente, mencionando as lições aprendidas e oferecendo mais perguntas a serem feitas (Wolcott, 1994). Isso também significa que o pesquisador filtra os dados através de uma lente pessoal situada em um momento sociopolítico e histórico específico. Não é possível evitar as interpretações pessoais, na análise de dados qualitativos. (CRESWELL, 2007)

Para a presente pesquisa, a abordagem qualitativa nos pareceu a mais adequada para responder as questões relacionadas aos objetivos desse estudo.

#### **2.2 Procedimento de pesquisa**

A pesquisa realizada é qualitativa e baseia-se em um diário de campo, constituído a partir do registro de uma prática realizada uma vez por semana, três horas em cada encontro. Foram 30 encontros ao longo dos dois semestres,

entre encontros de observação participativa e mediação ou seja, 90 horas. O estudo foi realizado em duas turmas no período matutino do CDC, com crianças entre seis meses e quatro anos e diferentes educadoras.

O estudo realizado baseia-se, principalmente, em relatórios de observação (diários de bordos) gerados a partir de um estágio obrigatório, também conhecido como Projeto 4 da Universidade de Brasília, entrevista semiestruturada e observação participante.

### **2.3 Observação Participante**

A observação participante segundo Gil (2008), é onde o pesquisador tem uma participação real na vida da comunidade, a qual pode se dar de forma “natural”, possibilitando que o investigador pertença a comunidade, ou artificial, quando o investigador se integra ao grupo. Minha participação no CDC ocorreu de forma artificial, pois estava presente uma vez por semana, não sendo parte da comunidade.

### **2.4 Diário de Campo**

Segundo Minayo (1993), o diário de campo:

[...] constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Falas, comportamentos, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais. (MINAYO, 1993, p. 100)

O diário de campo permite ao pesquisador compilar os registros de sua observação, facilitando a análise e abordando cenas vividas no campo de observação, assim como a relação dos fatos ocorridos com o referencial teórico que sustenta sua pesquisa.

## **2.5 Entrevista semiestruturada**

Desde o início da pesquisa pensei em pessoas que poderiam ajudar a representar o objetivo desse trabalho, pessoas que desempenhavam um papel ativo no CDC. Muitas mudanças ocorreram na gestão desde o início de meu acompanhamento do trabalho junto às crianças, e percebi que havia outras pessoas que poderiam contribuir de forma significativa.

A entrevista semiestruturada foi realizada com a participação de quatro educadores, dois deles estão no CDC desde sua inauguração, e dois são mais recentes, estando a pouco mais de dois meses atuando no local. As entrevistas tiveram como base oito perguntas sobre a atuação dos educadores no CDC e como eles percebiam sua contribuição em criar um espaço de resistência por meio de seu trabalho com as crianças. As entrevistas encontram-se anexadas e em todos os momentos em que os sujeitos são citados nomes fictícios foram utilizados para preservar a identidade dos entrevistados.

## **2.6 Caracterização dos sujeitos da pesquisa**

As entrevistas foram realizadas no CDC e Joana contribuiu bastante para que os colegas se sentissem seguros e desejosos de compartilhar suas histórias, desafios e o dia a dia com as crianças.

Referindo-se a equipe atual, Joana é a educadora mais antiga no Centro de Desenvolvimento da Criança, visto que muitas pessoas presentes no início do CDC não fazem mais parte da equipe. Joana tem duas filhas e foi através delas que conheceu a Casa de Paternidade. As filhas faziam oficinas e chamaram a mãe para conhecer o local. Mais tarde, com a criação do CDC, Joana conversou com uma das coordenadoras que a convidou para ser educadora. Hoje com 27 anos, Joana é a primeira coordenadora pedagógica da comunidade atuando no CDC. Joana possui o ensino médio completo, já participou de eventos voltados para a educação e pretende cursar Pedagogia.

Leandro Oliveira é o primeiro educador do sexo masculino do Centro de Desenvolvimento da criança. Com dezesseis anos atualmente, conheceu o local através de sua mãe, que também é voluntária. A mãe de Leandro é fundamental no CDC, pois é quem prepara todas as refeições para as crianças. Leandro foi convidado para ser educador pela necessidade de alguém que pudesse realizar atividade com as crianças maiores, e existe uma relação de confiança entre eles que é perceptível a todos. Apesar de enfrentar os desafios com os quais os adolescentes da comunidade Santa Luzia convivem, como exposição ao tráfico de drogas, dificuldades para chegar à escola, entre outros, Leandro encontra no CDC uma fonte de incentivo e forças para mudar a realidade da comunidade.

Julia Borges, que tem vinte anos de idade concluiu o ensino médio em 2016, e encontrou no CDC sua primeira oportunidade de trabalho. Ela mora na Cidade Estrutural e acompanhou todo o crescimento da comunidade Santa Luzia. A tia de Julia atuou muito tempo como educadora no berçário do CDC, e se desligou recentemente por motivos pessoais, indicando Julia para ocupar seu lugar. A jovem sonha em cursar Direito.

Lauana Reis tem 20 anos e está se adaptando a rotina do CDC. Morava em Samambaia e mudou-se com o marido para a comunidade Santa Luzia, para morar com sua sogra. Conheceu Joana, que na época já era coordenadora do CDC e a convidou para ser educadora. Lauana já havia trabalhado com crianças na igreja que frequenta, e aceitou o convite. Além de educadora no CDC, Lauana é estudante de Corte e Costura em outra instituição.

### **3.7 Caracterização do Espaço**

O Centro de Desenvolvimento da Criança fica localizado de frente para o espaço destinado à Casa de Paternidade. À primeira vista possui a estrutura de uma casa de alvenaria, com cômodos que funcionam como espaços para as crianças. Com exceção do berçário, que é um local fixo para as crianças menores, existem duas salas onde as crianças podem ser atendidas. A primeira, por onde entramos no CDC, possui mesas e cadeiras para as crianças, que podem ser utilizadas tanto na hora das refeições como para a realização de atividades. A outra sala, que fica aos fundos também possui mesas e cadeiras, além de tapetes emborrachados, livros e

brinquedos pedagógicos, e é mais utilizada pelos educadores e crianças. O espaço conta ainda com um banheiro, cozinha equipada com geladeira, fogão e micro-ondas e uma dispensa onde são armazenadas as doações utilizadas pelas crianças, educadores e outras pessoas em eventuais necessidades.

Sobre a rotina das crianças que são atendidas no Centro de Desenvolvimento da Criança Rodrigo (2016) cita:

A casa recebe crianças de 4 meses a 5 anos e atende por volta de 25 crianças das 06h:30' da manhã às 18h:30' da noite. As crianças recebem café da manhã assim que chegam, uma fruta às 9h:00', almoço às 11h:30', lanche às 15h:00 e o jantar antes de as mães/ pais/ responsáveis irem buscá-las. (RODRIGO, 2016)

O CDC é fundamental para os pais das crianças lá atendidas, além de oferecer um cuidado que essas crianças dificilmente receberiam em outro local, oferece também atividades educativas, passeios culturais, oficinas com outros profissionais voluntários e o convívio com outras crianças e adultos que ajudam a fortalecer os princípios e valores para se conviver em sociedade.

Além do espaço interno, o CDC conta com uma área aberta aos fundos, onde as crianças podem brincar ao ar livre com segurança e tomar banhos de sol.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE E DISCUSSÃO

O escopo desse capítulo aborda, em forma de análise, as respostas dos educadores à entrevista semiestruturada, aliada ao referencial teórico utilizado como base para o presente trabalho. Traz ainda, algumas cenas observadas no ambiente do CDC durante o estágio supervisionado, projeto 4 da Faculdade de Educação, que contribuíram para uma compreensão maior acerca da vivência das mães educadoras e educadores.

As entrevistas foram realizadas no próprio CDC e utilizarei aqui nomes fictícios para preservar a identidade dos educadores.

#### **4.1 O Centro de Desenvolvimento da Criança como espaço de resistência na comunidade Santa Luzia**

Meu principal objetivo ao decidir usar a entrevista semiestruturada como método era investigar se as mães educadoras e educadores do CDC percebiam a importância daquele espaço dentro da comunidade em que vivem e seu papel na vida das crianças que lá são acolhidas. Entrevistei quatro educadores, três mulheres e um homem. Dois deles estão lá desde o início do projeto, e dois chegaram algum tempo depois.

O fato de atualmente toda a equipe ser da comunidade trouxe um tom diferente para a gestão do CDC. Comparando meu primeiro contato com o local com as minhas últimas visitas, é possível perceber claramente um crescimento na autonomia daqueles que lá atuam. Hoje eles têm consciência de tudo o que acontece, decidem as coisas relativas à administração em conjunto, percebem as dificuldades e avaliam maneiras de vencê-las e veem um futuro para o CDC e para as crianças que lá atendem.

Ao ser questionada sobre sua visão de futuro, Joana, uma das educadoras que está desde o início do CDC respondeu:

*Eu acho que mesmo que não todas as crianças, mas pelo menos algumas, né, eu vejo que elas podem ter algo melhor na*



*vida delas, elas podem ser leitoras, se interessar pelos estudos, levar um pouquinho de tudo o que elas aprendem aqui, porque as crianças são como esponjinhas, absorvem tudo o que a gente passa pra elas. Eu acho que elas podem querer ter um futuro diferente dos pais, trazer uma educação diferente para a comunidade. Esses dias eu estava falando para os maiores, pra turma do Leandro (nome fictício): “Eu quero vocês estudando muito”, porque eles começaram na escola, e tem uns que não querem ir pra escola pra poder ficar aqui no CDC.*

A fala de Joana remete a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, que nos mostra que ensinar exige alegria e esperança. O que se busca no CDC não é deixar de lado as dificuldades e desafios que essas crianças vivem diariamente em suas casas e na comunidade, mas mostrar a elas, desde cedo, que junto com os educadores podem aprender, construir e resistir aos obstáculos que se opõe a essa alegria. Os educadores que lá atuam são cientes dos vários desafios que essas crianças enfrentam mesmo sendo tão novas, e isso tem funcionado como uma motivação para continuarem seu trabalho. Lauana, educadora que está há três meses no CDC diz:

*Acredito que eles vão sentir até uma certa falta do CDC, porque a realidade da Santa Luzia não é das melhores, e o que eles vivem aqui é muito diferente, mas eles, com o que aprendem aqui, podem sim ter um futuro melhor, ser um advogado, um bombeiro, quem sabe.*

Ao ser questionada sobre a diferença do CDC na vida das crianças, Joana continua:

*Faz muita diferença, desde o cuidado, o CDC é bem estruturado, então tira eles dessa realidade da rua, e a diferença que a gente vê é mais em coisas do dia a dia, o palavrão, por exemplo, eles escutam muito, mas aqui gente fala tanto que não pode falar palavrão que eles acabam aprendendo. A forma de comer também. Além disso, aqui eles*

*podem ver que existe um mundo lá fora, através dos passeios, das saídas que a gente faz.*

O CDC oferece às crianças da comunidade Santa Luzia uma nova opção de visão de comportamento, de perspectivas futuras, de hábitos que elas não receberiam em outro lugar. Acredito que por serem capazes de perceber as consequências de viver o que aprendem no CDC e o amparo dos educadores elas optam cada vez mais por absorver o que lhes é ensinado lá. Segue abaixo uma das cenas observadas em meus primeiros dias no CDC, registrada em meu diário de bordo.

Hoje fui novamente ao CDC. Tenho ficado mais com as crianças maiores, na turma da Joana (nome fictício). É uma correria, mas elas são tão carinhosas e nos recebem tão bem, amo estar com elas. São carinhosas com a gente, mas nem sempre umas com as outras. Normal em turmas de crianças. Mas algo tem me chamado atenção. Eu, que pelas experiências em estágios em escolas estou mais acostumada a correr antes que uma criança bata ou morda a outra, tenho corrido antes que uma delas bata em outra com a cadeira, e não é uma prática isolada, tenho reparado que quase todas fazem isso. Temos conversado com elas, a Joana principalmente.

Percebi que com o tempo isso foi passando, graças ao cuidado e forma de trabalhar das educadoras. Tudo no CDC é feito com amor, e isso é sentido ao entrar lá.

#### **4.2A resiliência em ação: Como as mães educadoras e educadores percebem as mudanças em si mesmos graças as vivências no CDC**

Além do trabalho feito com as crianças, muito tem mudado na vida das mães educadoras e educadores no CDC. Como aprendemos com Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, quando constatamos o que ocorre em determinadas situações em que nos encontramos, quando nossa presença se torna convivência e somos capazes de intervir, podemos agir de forma transformadora, pois é impossível estar no mundo de forma neutra. A respeito das mudanças percebidas desde seu primeiro contato com o CDC, Joana diz:

*Mudou muita coisa pra mim. Financeiramente, conheci pessoas, fiz amizades, aprendi várias coisas, a ter paciência, aprendi a me envolver realmente (...). Então eu aprendi muita coisa. Eu pretendo fazer Pedagogia, estou me preparando.*

Sobre a evolução acerca de seu papel na comunidade como agente transformadora, e não somente como aquela que recebe a ação, Joana continua:

*Eu acho que todos os projetos que trazem educação pra comunidade, que podem mudar a mentalidade são muito bons. São melhores do que uma cesta básica, um brinquedo, que são coisas passageiras. E assim as coisas vão acontecendo. Se você muda a história de um grupinho, esse grupinho muda a história de outros grupos e assim vai mudando até mudar o lugar. Às vezes as pessoas tem essa mentalidade de sempre ganhar. A maioria do pessoal da Santa Luzia tem uma cultura de sempre ganhar, e nós temos que ter essa consciência de dividir.*

Joana conheceu o Centro de desenvolvimento da criança através de suas filhas que participavam de oficinas na Casa de Paternidade e atua hoje como uma das coordenadoras do CDC. É uma relação de troca que tem contribuído muito para sua autonomia, e um exemplo de como a Santa Luzia constrói espaços de resistência em diálogo com os sujeitos da comunidade.

Julia, que começou a trabalhar em 2017 no CDC, sendo essa sua primeira experiência de trabalho, diz:

*Aqui no CDC aprendi a ter paciência, a importância do meu trabalho, e principalmente a ver os meus limites. Eu quero cursar Direito, e trabalhar no CDC me ensina a lutar por meus sonhos.*

Podemos ver que o CDC traz as mais diversas motivações e mudanças em diferentes áreas para os educadores, e essas mudanças são nítidas para cada um. O clamor “Santa Luzia vive!” utilizado pelas pessoas que conhecem o local é vivo no olhar de cada um que lá atua, e aos poucos as crianças recebem e transmitem isso

também. Existe mais do que uma relação de trabalho, existe entre os educadores e as crianças uma relação de empatia e amor. A respeito dessa relação, Julia cita:

*Algo que eu estava comentando com minha mãe esses dias é que as crianças aqui podem ser agitadas, mas o que elas mais precisam é amor. Porque quando nós damos amor pra elas, de alguma forma elas mudam.*

A fala de Julia remete e confirma a de Paulo Freire, quando tempos atrás já falava da importância do querer bem aos educandos. Para o autor

esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. (FREIRE, 2002, p. 52)

Ainda sobre essa relação, Leandro, também educador, diz:

*No final de semana eu vejo a maioria dos alunos da minha turma na rua, descalços, sujos. Vejo muitos deles brincando na lama, a vida lá fora é diferente de quando a gente entra aqui, e isso me ajuda a continuar o trabalho com eles. (...) Faz muita diferença o carinho e o jeito que eles me tratam. Eu me sinto muito contente com eles, e vejo que eles aprendem muita coisa através da gente.*

Leandro, que diz ter visto Santa Luzia crescer e conhece bem o local, sabe o que deseja para as crianças com quem convive, e hoje compreende melhor o que deseja para si. Ele, que vive a realidade dos adolescentes na comunidade, que frequentemente são abordados pela polícia e enfrentam dificuldades para chegar até a escola, hoje com o incentivo da mãe que também é colaboradora no CDC e com a autonomia que tem desenvolvido consegue ver um futuro melhor para os dois.

### **4.3 Um olhar para o futuro**

Muito aconteceu desde o início do CDC, e muito ainda irá acontecer. Podemos ter a certeza de que os frutos desse trabalho já se espalham, seja pelas crianças que levam em seus corações a certeza de que são sim, capazes de realizar seus sonhos a despeito das dificuldades que enfrentam, seja pelas educadoras que se separaram do CDC para dar início a seus próprios projetos, seja pelas pessoas que tem contato com essas mães educadoras e educadores e recebem através de seu exemplo uma motivação a mais para serem agentes de transformação em qualquer lugar.

Fernanda, a mais nova educadora do CDC, diz a respeito de sua visão sobre as crianças que acompanha no futuro:

*Com certeza eu vejo um futuro diferente pra essas crianças, vejo elas como crianças diferentes. Se elas continuarem seguindo o caminho certo vão longe, vão ter um bom trabalho, mudar a realidade que elas têm hoje.*

Os voluntários no CDC atuam como educadores populares, sociais e comunitários cujo realismo é a utopia, já que educam em função de um sonho, o da busca por um mundo mais justo para todos. Como cita Gadotti, conhecem a realidade de onde atuam, possuem os pés no chão, mas enxergam longe (GADOTTI, 2002).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi realizada a partir do desejo em mostrar como o cuidado desde os primeiros anos das crianças pode contribuir para o desenvolvimento de uma comunidade, citando o caso específico da comunidade Santa Luzia, onde um trabalho discreto e ao mesmo tempo grandioso é realizado com as crianças e com os educadores que ali trabalham como voluntários, criando a cada dia um espaço de diálogo e resistência. Assim, foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio de uma entrevista semiestruturada com os educadores do local, que são peças-chave para que esse trabalho aconteça, observação participante e diário de campo.

Foi interessante observar as mudanças que aconteceram durante o período em que acompanhei os educadores e as crianças no CDC. Durante os dois semestres em que lá permaneci vários eventos ocorreram que aos poucos possibilitaram que toda a gestão do lugar se concentrasse nas mãos apenas de pessoas da comunidade. Isso permitiu o desenvolvimento da autonomia dos educadores e trouxe uma esperança ainda maior no futuro do CDC e da Santa Luzia.

É possível perceber que a Santa Luzia desenvolve sua resistência de maneira inteligente ao construir e manter um espaço em diálogo com a comunidade, seja com as famílias das crianças que são diretamente atendidas, seja com as famílias que participam de outros espaços do CDC e da Casa de Paternidade, como a Loja Solidária, atividades voltadas para a saúde, esporte e qualidade de vida, bazar solidário, entre outras. Além disso, ocorre um trabalho organizado e eficaz de cooperação com outros profissionais voluntários que ajudam na manutenção do CDC, garantindo a qualidade do serviço que chega de diversas formas à comunidade.

Outro fator que contribui significativamente para a questão dos espaços de resistência dentro da comunidade é a parceria com a Universidade de Brasília a partir do projeto de extensão Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras, o Autonomia. Essa parceria possibilitou não apenas a aproximação com a vizinhança, mas também com outras escolas que trabalham com educação infantil. Um dos vários exemplos dessa aproximação é o fato de uma dessas escolas pagar a

inscrição das educadoras do CDC para a grande Conferência Nacional de Educação, possibilitando assim oportunidades únicas de aprendizado e experiências com outros profissionais da área da educação.

Ao conversar e conviver com cada membro do CDC durante esse tempo tornou-se cada vez mais nítida e verdadeira em meu coração a frase “Santa Luzia vive!”, ouvida tantas vezes pelas pessoas que conhecem essa comunidade, suas lutas e realidade. Com a desativação do lixão da Estrutural essas pessoas terão que deixar esse espaço em algum momento. São pessoas que assim como o lixão que deu origem a comunidade, serviram muito tempo pela necessidade de separar o material reciclável, mas agora é como se fossem descartáveis, visto que provavelmente não serão contemplados com novas moradias, mesmo estando a menos de 15 quilômetros da capital do país.

A força dessas pessoas é algo difícil de compreender, mas é algo que com certeza dá forças aqueles que têm o privilégio de conhecê-las. Chego ao final dessa pesquisa com a certeza de que é possível mudar vidas e construir um espaço de resistência dentro de uma comunidade vista com olhos de descaso pelas autoridades, marcada pela pobreza e violência, a partir do cuidado com as infâncias, cuidado esse que tem como base a esperança e determinação de educadores dispostos a melhorar a comunidade e o lugar onde vivem.

### **PARTE 3**

#### **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Termino minha graduação com muita felicidade e a certeza de que ainda tenho um longo caminho a percorrer. Durante esses anos percebi a importância da atuação do pedagogo em diferentes espaços, mas especialmente a importância de um trabalho feito com amor e afinco.

Pretendo continuar acompanhando e atuar mais ativamente como voluntária dentro da Casa de Paternidade, pois foi um trabalho que aprendi a amar.

Tenho o desejo de atuar na sala de aula, em escola pública, e dar continuidade ao projeto de extensão Diálogo com Experiências Educacionais Inovadoras, carinhosamente chamado de Autonomia, mas de um novo ângulo.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Lei Federal de 1988. 3. ed. São Paulo: Jalovi, 1989.

\_\_\_\_\_. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal 8.069/1990. São Leopoldo: UNISINOS, 1990.

.CRESWELL, John. **Projeto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto** – 2 Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**- 50º ED –Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58. ed. ver. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 4., 2012, São Paulo. Associação Brasileira de Educadores Sociais. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000092012000200013&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092012000200013&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 25 jun 2017.

GARRIDO, Noêmia de Carvalho. **Educador social: diferentes campos de atuação, formação e reconhecimento profissional socioeducativas**. In: Anais do Congresso Internacional de Pedagogia Social, 2012. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/15.pdf>>. Acesso em 28 abr 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, M. G. **Mulheres: atrizes dos movimentos sociais: relações político-culturais e debate teórico no processo democrático**. *Revista Sociedade e Política*, Florianópolis, v. 6, n. 11, p. 41-70, 2007.

HECKMAN, J. Beyond Pre-K: Rethinking the Conventional Wisdom on Educational Intervention. *Education Week*, Vol. 26, Issue 28, p. 40. March 19, 2007. Disponível em: <<http://www.edweek.org/ew/articles/2007/03/19/28heckman.h26.html?tkn=PZMFDxnG36OMv7YIX%2FiKfOi35%2BLyvtqPNnbK&intc=es>>Acessoem: 25jun2017.

INEP. Enciclopédia de Pedagogia Universitária. Glossário. v.2. 2006.

MACHADO, Evelcy Monteiro. **Pedagogia Social no Brasil: Políticas, teorias e práticas em construção**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, Paraná, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 2ª ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993

RIBAS MACHADO, Érico . **Fundamentos da pedagogia social**. Paraná: UniCentro, 2012. 66 p. Disponível em:<<http://repositorio.unicentro.br/bitstream/123456789/512/1/Fundamentos%20da%20pedagogia%20social.pdf>>. Acesso em: 31 mai 2017.

Schneider, Alessandra; Vera Regina Ramires. **Primeira Infância Melhor**: uma inovação em política pública. Brasília, UNESCO, Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, 2007. p. 128

SILVA, Rodrigo do Amaral. **COMUNIDADE SANTA LUZIA: educação, infâncias e território de resistência**. Universidade de Brasília, 2016.

UNESCO. **Bases sólidas**: educação e cuidados na primeira infância; relatório de monitoramento global de educação para todos – EPT, 2007. Brasília: UNESCO, 2007.

UNICEF. *Declaração Universal dos Direitos da Criança*. Nova Iorque: UNICEF, 1959.  
Disponível em: < [http://www.unicef.org/brazil/decl\\_dir.htm](http://www.unicef.org/brazil/decl_dir.htm)>.

#### **Sites:**

[Http://coletivodacidade.wordpress.com/sobre/](http://coletivodacidade.wordpress.com/sobre/) Acesso em 28 maio 2017 .

<http://www.jornaldebrasilia.com.br/cidades/bom-exemplo-no-df-um-dia-para-fazer-o-bem/> Acesso em: 03 fev 2017.

<http://casadepaternidade.org> Acesso em 24 jun 2017.

<http://www.facebook.com/alinealbernaz>. Acesso em: 08 abr 2017.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A****CONSTRUÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_ Anos

SEXO: FEMININO ( ) MASCULINO ( )

FORMAÇÃO:

\_\_\_\_\_

FUNÇÃO NO CDC

\_\_\_\_\_

OCUPAÇÃO:

\_\_\_\_\_

QUANTO TEMPO NO CDC: \_\_\_\_\_

1. Como conheceu a Comunidade Santa Luzia?
2. O que a(o) motivou a ser um educador no CDC?
3. Que diferenças você pode perceber por meio do CDC e do seu trabalho com as crianças?

4. Como você essas crianças no futuro, graças a esse trabalho?
5. O que a/o motiva a continuar o trabalho dentro da Santa Luzia, com o CDC?
6. Você consegue compreender o CDC como um espaço de resistência dentro da comunidade Santa Luzia?
7. Como você vê a entrada do Projeto Autonomia e de outras oficinas?
8. O que mudou em sua própria visão depois do trabalho junto ao CDC?

## APÊNDICE B. TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Dados de Identificação:**

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Pedagogia pela Universidade de Brasília.

Pesquisador responsável: Ana Paula de Andrade Nunes sob a orientação da Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup>. Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade de Brasília – Faculdade de Educação.

Telefones para contato: (61) 33911387 / (61) 984344406

Nome do voluntário:

---

Idade: \_\_\_\_\_ anos                      R.G. \_\_\_\_\_

Responsável legal (quando for o caso):

---

R.G. Responsável legal: \_\_\_\_\_

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e a orientadora terão conhecimento dos dados.

Ao participar desta pesquisa a Sr. (a) não terá nenhum benefício direto.

O Sr. (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Eu, \_\_\_\_\_, R.G. nº \_\_\_\_\_ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

---

Assinatura do Participante

## ENTREVISTAS

**Entrevistada: Joana Marques**

**Idade: 27 anos**

**Função no CDC: Coordenadora Pedagógica**

**Tempo de atuação no CDC: 2 anos**

### **1. Como conheceu a Comunidade Santa Luzia?**

Resolvi fazer uma visita. Moro na Estrutural e minhas meninas faziam projeto aqui. Elas insistiram e resolvi conhecer, porque antes de ter a creche, todo sábado tinha evento com as crianças, aberto pra comunidade. Aí minhas meninas sempre vinham, elas diziam “mãe vamos, é muito bom, muito legal”. Elas gostavam tanto de vir que resolvi conhecer também.

### **2. O que a(o) motivou a ser um educador no CDC?**

Ah, o que me motivou é que eu gosto muito de criança, gosto dos projetos. Quando conheci o CDC gostei da forma de tratamento, aí decidi vir pra cá. Estavam tendo uns cursos, aí comecei a fazer os cursos, mas parei depois, não quis fazer mais. Aí perto da inauguração encontrei a Aline no meio da rua e falei pra ela que eu queria vir, queria fazer parte do projeto, e ela me chamou pra ser educadora.

### **3. Que diferenças você pode perceber por meio do CDC e do seu trabalho com as crianças?**

Faz muita diferença, desde o cuidado, o CDC é bem estruturado, então tira eles dessa realidade da rua, e a diferença que a gente vê é mais em coisas do dia a dia, o palavrão, por exemplo, eles escutam muito, mas aqui gente fala tanto que não pode palavrão que eles acabam aprendendo. A forma de comer também. Além disso, aqui eles podem ver que existe um mundo lá fora, através dos passeios, das saídas que a gente faz.

### **4. Você consegue compreender o CDC como um espaço de resistência dentro da comunidade Santa Luzia?**

Eu acho que mesmo que não todas as crianças, mas pelo menos algumas, né, eu vejo que elas podem ter algo melhor na vida delas, elas podem ser leitoras, se interessar pelos estudos, levar um pouquinho de tudo o que elas aprendem aqui, porque as crianças são como esponjinhas, absorvem tudo o que a gente passa pra elas. Eu acho que elas podem querer ter um futuro diferente dos pais, trazer uma educação diferente para a comunidade. Esses dias eu estava falando para os maiores, pra turma do Leandro: “Eu quero vocês estudando muito”, porque eles começaram na escola, e tem uns que não querem ir pra escola pra poder ficar aqui no CDC. Eu falo: “Não, vocês têm que estudar, quero todo mundo aprendendo a ler, porque assim como a tia deu aula pra vocês, vocês vão vir aqui contar histórias pros menores, vocês vão ensinar as crianças, vocês vão continuar o projeto lá pra frente.” Quando a gente não estiver mais aqui eles vão estar pra continuar. A gente planta a sementinha neles, eles plantam em outras crianças, e assim vai indo.

#### **5. Como você vê a entrada do Projeto Autonomia e de outras oficinas na comunidade?**

Eu acho muito importante porque assim, as pessoas gostam muito de trazer comida aqui pra Santa Luzia (risos), “ah, vamos levar cesta”, e isso na verdade são coisas passageiras, você pode ver que a criança pega um brinquedo, passam alguns dias e rapidinho quebra o brinquedo, comida, vai ali e come e logo passa também, são coisas passageiras. Já a educação, uma mudança de cultura, uma mudança de mentalidade são coisas que ficam pra vida inteira. Por exemplo, nas oficinas tem crianças que só por ter aquele apego com os voluntários, aquela vontade de estar perto deles, já deixam de fazer coisas que poderiam prejudicar eles, porque eles têm outro exemplo, que não é o cachaceiro, não é o drogado, são outras pessoas em quem elas podem se espelhar. Eu acho que todos os projetos que trazem educação pra comunidade, que podem mudar a mentalidade são muito bons. São melhores do que uma cesta básica, um brinquedo, que são coisas passageiras. E assim as coisas vão acontecendo. Se você muda a história de um grupinho, esse grupinho muda a história de outros grupos e assim vai mudando até mudar o lugar. Às vezes as pessoas tem essa mentalidade de sempre ganhar. A maioria do pessoal da Santa Luzia tem uma cultura de sempre ganhar, e nós temos que ter essa consciência de dividir.



## **6. O que mudou em sua própria visão depois do trabalho junto ao CDC?**

Mudou muita coisa pra mim. Financeiramente, conheci pessoas, fiz amizades, aprendi várias coisas, a ter paciência, aprendi a me envolver realmente. Porque quando você cuida de projetos curtos você fica uma tarde, ou uma manhã, é totalmente diferente de você ficar sempre com a criança: dar banho, dar comida, você já conhece mais a fundo a criança, as vezes essa criança fica mais tempo aqui no CDC do que na casa dela, então eu aprendi muita coisa. Eu pretendo fazer Pedagogia, estou me preparando.

**Entrevistada: LauanaReis**

**Ocupação: Estudante de Corte e Costura**

**Idade: 20 anos**

**Função no CDC: Educadora**

**Tempo de atuação no CDC: 3 meses**

**1. Como conheceu a Comunidade Santa Luzia?**

Eu morava na Samambaia, e minha sogra morava aqui na Santa Luzia, aí acabei vindo com meu marido pra cá.

**2. O que a(o) motivou a ser um educador no CDC?**

Eu já cuido de crianças, eu sou educador na igreja. Eu gosto de crianças, só não tenho muita paciência ainda (risos).

**3. Que diferenças você pode perceber por meio do CDC e do seu trabalho com as crianças?**

Vejo aqui no CDC um cuidado diferente. Lá na igreja mesmo a gente não troca, não dá banho, lá a gente só dá a palavra e um lanchinho, faz as brincadeiras, é bem diferente, porque aqui nós temos um contato maior com as crianças, posso ter mais experiência também.

**4. Você consegue compreender o CDC como um espaço de resistência dentro da comunidade Santa Luzia?**

Com certeza, eu vejo um futuro diferente pra essas crianças, vejo elas como crianças diferentes. Se elas continuarem seguindo o caminho certo vão longe, vão ter um bom trabalho, mudar a realidade que elas têm hoje.

**5. Como você vê a entrada do Projeto Autonomia e de outras oficinas na comunidade?**

O Autonomia ajuda muito. Quando os alunos da UnB vem as crianças ficam até mais calmas, ajuda muito.

**Entrevistada: Julia Borges**

**Idade: 20 anos**

**Função no CDC: Educadora**

**Tempo de atuação no CDC: Educadora**

**1. Como conheceu a Comunidade Santa Luzia?**

Na verdade eu vi a Santa Luzia crescer. Eu moro no Setor de Oficinas da Estrutural desde um ano de idade, como moro aqui perto vi tudo isso crescer. Era uma chácara antigamente, esse crescimento todo vi de bem perto.

**2. O que a(o) motivou a ser um educador no CDC?**

Conheci o CDC através da minha tia, que trabalhava aqui. Como ela estava saindo porque conseguiu um emprego e eu tinha acabado de concluir o Ensino Médio estava precisando muito de um emprego. Então ela me falou e eu comecei a trabalhar aqui.

**3. Que diferenças você pode perceber por meio do CDC e do seu trabalho com as crianças?**

No meu ponto de vista, as crianças que a gente cuida tem a oportunidade de viver uma realidade, um mundo totalmente diferente quando estão aqui. Algo que eu estava comentando com minha mãe esses dias é que as crianças aqui podem ser agitadas, mas o que elas mais precisam é amor. Porque quando nós damos amor pra elas, de alguma forma elas mudam.

**4. Você consegue compreender o CDC como um espaço de resistência dentro da comunidade Santa Luzia?**

Sim, acredito que eles vão sentir até uma certa falta do CDC, porque a realidade da Santa Luzia não é das melhores, e o que eles vivem aqui é muito diferente, mas eles, com o que aprendem aqui, podem sim ter um futuro melhor, ser um advogado, um bombeiro, quem sabe.

**5. O que a/o motiva a continuar o trabalho dentro da Santa Luzia, com o CDC?**

O que me motiva, primeiramente, é “não deixar a *Joana* na mão”, porque ela precisa muito da gente, e também as crianças me motivam muito a continuar esse trabalho. Elas sentem muita falta quando perdem uma educadora. Quando minha tia saiu foi bem difícil porque os bebês sentiam muito a falta dela, e assim por diante. Aqui no CDC aprendi a ter paciência, a importância do meu trabalho, e principalmente a ver os meus limites. Eu quero cursar Direito, e trabalhar no CDC me ensina a lutar por meus sonhos.

**6. Como você vê a entrada do Projeto Autonomia e de outras oficinas?**

Essas oficinas e o Autonomia fazem uma diferença muito grande, porque trazem oportunidades. Não é todo mundo que tem a oportunidade de fazer as atividades oferecidas, especialmente as crianças.

**Entrevistado: Leandro Oliveira**

**Ocupação: Estudante**

**Idade: 16 anos**

**Função no CDC: Educador**

**Tempo de atuação no CDC: 2 anos**

**1. Como conheceu a Comunidade Santa Luzia?**

Antes daqui eu morava na Estrutural, eu vim morar aqui já faz um tempo, faz alguns anos que estou aqui.

**2. O que a(o) motivou a ser um(a) educador(a) no CDC?**

Minha mãe trabalhava aqui, e disse que estavam precisando de educador, antes eles ficavam ali na frente (referindo-se a Casa de Paternidade, que fica em frente ao CDC), e não tinha ninguém pra ficar com as crianças maiores, aí quando vieram aqui pro CDC me chamaram pra ser educador. A gente vê a diferença dessas crianças quando elas estão aqui no CDC e quando estão na rua. Parece até que são crianças diferentes. Me motiva porque sei que elas aprendem o que a gente ensina. Faz muita diferença o carinho e o jeito que eles me tratam. Eu me sinto muito contente com eles, e vejo que eles aprendem muita coisa através da gente. Todas as crianças são muito especiais pra mim, mas tem duas por quem tenho um carinho muito grande. Qualquer hora que eu passo por aqui elas falam “oi tio!” ou “você é muito bonito tio” (risos).

**3. Você consegue compreender o CDC como um espaço de resistência dentro da comunidade Santa Luzia?**

Sim, porque muitas mães aqui são catadoras de lixo, mas eu não consigo ver um desses meninos no futuro como catador de lixo. Eles mesmos me falam que querem ser policiais, bombeiros, veterinários, acredito que o futuro deles vai ser diferente.

**4. O que a/o motiva a continuar o trabalho dentro da Santa Luzia, com o CDC?**

Principalmente as crianças, poder cuidar delas. No final de semana eu vejo a maioria dos alunos da minha turma na rua, descalços, sujos. Vejo muitos deles

brincando na lama, a vida lá fora é diferente de quando a gente entra aqui, e isso me ajuda a continuar o trabalho com eles.